

humanitas

Vol. XLIII-XLIV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XLIII-XLIV

HUMANISMO PORTUGUÊS
NA ÉPOCA DOS DESCOBRIMENTOS

CONGRESSO INTERNACIONAL
(Coimbra, 9 a 12 de Outubro de 1991)

ACTAS



COIMBRA

MCMXCI - MCMXCII

A LITERATURA DE SENTENÇAS NO HUMANISMO

PORTUGUÊS: *res et uerba*

NAIR CASTRO SOARES

Numa das suas cartas a Lucílio (1.6,5), afirmava Sêneca:

*Longum iter est per praecepta,
breue et efficax per exemplum.*

Esta crença no valor do *exemplum*, que na sua concisão e brevidade é mais eficaz do que a longa explanação da doutrina⁽¹⁾, além de definir a arte e a personalidade literárias do cordovês, exprime ainda de modo eloquente a função estilística e conceptual das formas literárias de carácter sapiencial e sentencioso, que designamos de maneira abrangente por literatura de sentenças⁽²⁾. Esta designação, que corresponde à de "lugares comuns", *loci communes*, escolhida por Melanchton, o preceptor da Alemanha⁽³⁾, abrange a *gnome*, ou sentença propriamente dita, o provérbio, o aforismo, que são a expressão anónima da sabedoria com aplicação universal, e ainda o apo-

-
- (1) Em apoio da opinião de Sêneca, expressa em *sententia* lapidar, vão as considerações de Quintiliano (12,2,30), que apontam no mesmo sentido e são reveladoras do significado do *mos maiorum* e do gosto pelo concreto, que caracterizam os valores e a sensibilidade dos romanos: *an fortitudinem, iustitiam, fidem, continentiam, frugalitatem... melius alii docebunt quam Fabricii, Curii, Reguli aliique innumerabiles? quantum enim Graeci praeceptis ualent, tantum Romani, quod est maius, exemplis.*
- (2) O estilo de Sêneca, antitético e epigramático, em que abundam as sentenças (cf. Quintiliano, 10.1,129: *multae in eo claraeque sententiae*), em que os próprios nexos sintácticos assumem uma função rítmica, tem sido objecto de inúmeros estudos, parcelares ou abrangentes da vasta obra do cordovês. Vide e. g. A. TRAINA, *Lo stile "drammatico" del filosofo Seneca*, Bologna, 1978; A. MICHEL, 'Rhétorique, tragédie, philosophie: Sénèque et le sublime', *Giornale Italiano di Filologia* 21 (1969) 245-257; M. ARMISEN-MARCHETTI, *Sapientiae facies. Étude sur les images de Sénèque*, Paris, 1989.
- (3) Sobre a importância atribuída pelos pedagogos humanistas, e entre eles Melanchton, aos *Libri locorum rerum*, vide P. PORTEAU, *Montaigne et la vie pédagogique de son temps*, Paris, 1935, p.182-184.

tegma, a cria, a história, a anedota, que veiculam os ditos e/ou os feitos de determinada figura ou personagem ilustre⁽⁴⁾.

A fluidez semântica existente entre estas formas, caracterizadas por uma perfeita articulação linguística e literária e por uma estrutura conceptual de ressonâncias éticas, manifesta-se nos autores renascentistas, que buscam a novidade da sua prosa através do recurso narrativo a uma verdadeira *contaminatio* paremiológica. Esta permeabilidade conceptual, que torna difícil qualquer classificação sistemática, reflecte-se ainda nos títulos das obras de literatura gnómica⁽⁵⁾, bem como nos tratados pedagógicos – sem excluir o *De copia* de Erasmo – que, por razões didácticas, dão a estas formas um tratamento afim, sem por vezes observarem com rigor as definições retóricas específicas⁽⁶⁾.

No período helenístico do mundo greco-romano, sobretudo a partir do século I d.C., nas escolas de gramática e de retórica, concede-se grande importância a estas formas literárias como exercícios preliminares de composição, *progymnasmata*, capazes de exemplificar, pelas suas virtualidades de aplicação concreta, os vários géneros de discurso retórico e os valores éticos e pedagógicos do mundo antigo⁽⁷⁾.

Teorizadores desta época, tais como Hermógenes de Tarso, Téon de Alexandria, Aftónio, determinantes na orientação seguida pela retórica sagrada⁽⁸⁾ e com a

- (4) Os limites destas formas literárias, quanto ao conteúdo e formulação, são pouco nítidos. Vide e. g. H. LAUSBERG, *Elementos de retórica literária*, tr. port. com introdução e comentários de R. M. ROSADO FERNANDES. Lisboa, 1972 (1ª ed. original 1967), p. 237, §398. Contribuíram para isso os tratados de retórica clássica, que apresentam, por exemplo, a definição de *gnome* (ARIST., *Rhet.* 2.21, 2), ou de *sententia*, imprecisas e englobantes de várias formas de literatura sentenciosa. Vide e. g. *Rhet. ad Her.*, 4.17, 24: *sententia est oratio sumpta de uita, quae aut quid sit aut quid esse oporteat in uita, breuiter ostendit*. E Quintiliano (8.5, 3): *est autem haec uox universalis, quae etiam citra complexum causae possit esse laudabilis*.
- (5) Vide V.-L. SAULNIER, 'Proverbe et paradoxe du XVe au XVIe siècle (Un aspect majeur de l'antithèse: Moyen-Âge - Renaissance)', in *Pensée humaniste et tradition chrétienne au XVIe et XVIIe siècles*. Colloques Internationaux du CNRS, Paris (26 au 30 octobre 1948), Paris, 1950, p. 87-104, maxime "L'équivoque des mots", p. 88-92.
- (6) A este propósito, veja-se a análise do *De duplici copia uerborum et rerum* por J. CHOMARAT, *Grammaire et rhétorique chez Erasme*, II, Paris, 1981, p. 735 e sqq., maxime p. 748-752.
- (7) Vide L. KUSTAS, *Studies in Byzantine rhetoric* (Analecta Vlatadon 17), Thessaloniki, 1973; S. BONNER, *Education in Ancient Rome*, Berkeley, 1977, p. 250-259; *Arguments in rhetoric against Quintilian*. Translation and text of Peter Ramus's *Rhetoricae distinctiones in Quintilianum* (1546). Translation by CAROLE NEWLANDS; introduction by JAMES J. MURPHY. Dekalb-Illinois, 1986, p. 29-40; M. ALEXANDRE JR., 'Importância da cria na cultura helenística', *Euphrosyne* n. s. 17 (1989) 31-62.
- (8) M. ROBERTS, *Biblical epic and rhetorical paraphrase in Late Antiquity*, Trowbridge, 1985;

maior recepção ainda no Renascimento⁽⁹⁾, denunciavam uma relação íntima entre o emprego corrente destas formas literárias e a cultura da segunda sofística⁽¹⁰⁾.

Semelhante implicação recíproca existe entre a *paideia* humanista e o recurso permanente a expressões de carácter sentencioso, veículo de valores culturais e éticos da Antiguidade⁽¹¹⁾. É ainda o sentido da *auctoritas*, que na *oratio* humanista pesa por vezes mais do que a originalidade e o engenho do conceito, que leva à valorização da *sentença*.

Para esta valorização concorre a educação pelo paradigma, que se afirma no movimento humanista desde os seus alvares e impõe modelos históricos, acções e ditos exemplares. Os próprios *Poemas Homéricos*, que com os poetas trágicos imprimem na cultura grega o gosto pelo conceito sentencioso⁽¹²⁾, oferecem nas figuras de Nestor, rei de Pilos, de Quíron e de Fénix, educadores de Aquiles, e de Telémaco, o filho de Ulisses, exemplos significativos do prestígio concedido à arte da palavra, à educação integral, que alia o ideal retórico à "moral heróica da honra", aspectos marcantes da pedagogia humanista⁽¹³⁾.

M. ALEXANDRE JR., 'A elaboração de uma *chreia* no código hermenêutico de Fílon de Alexandria', *Euphrosyne* n.s. (1986) 77-87; F. TRISOGLIO, '*Figurae sententiae e ornatus* nei discorsi di Gregorio di Nazianzo', *Orpheus* 7, 1 (1987) 71-86.

- (9) Basta lembrar o caso de um Rudolfo Agricola – tradutor dos *Progymnasmata* de Aftónio – de Erasmo, ou de um Guillaume Budé, influenciados pela tradição patrística e bizantina. Vide R. NAUDEAU, 'The Progymnasmata of Aphthónius in translation', in *Speech monographs* 19 (1952) 264-285; LISA JARDINE, 'Distinctive disciplina: Rudolph Agricola's influence on methodical thinking in the humanities' in *Rudolphus Agricola Phrisius (1444-1485). Proceedings of the International Conference at the University of Groningen* (28-30 October 1985). Ed. by F. AKKERMAN and A. J. VVANDERJAGT, Leiden, 1988, p.38-57, em especial p. 48 e sqq.; J. CHOMARAT, op. cit., p. 520; A. MICHEL, 'Le Credo de Guillaume Budé: rhétorique et philosophie dans le De transitu' in *Mélanges sur la littérature de la Renaissance à la mémoire de V.-L. Saulnier*, Genève 1984, p.19-29; J. IJSEWIJN, 'Le latin des humanistes français. Évolution et étude comparative', in *Humanisme français au début de la Renaissance* (Colloque international de Tours, XIV^e stage), Paris, 1973, p. 329-342.
- (10) Cf. L. KUSTAS, op. cit.; G. KENNEDY, *Classical rhetoric and its secular and christian tradition from Antiquity to Modern Times*, Chapel Hill, 1980.
- (11) A confirmar esta interrelação, vide a análise feita por J. CHOMARAT, op. cit., maxime IV^e partie, ch. I, "Les auteurs et le style", p. 394-449; ch. V, "Le style et l'art d'écrire", p. 711 - 843.
- (12) Sobre os versos-sentenças que os poetas trágicos inserem no texto das suas obras, vide T. STICKNEY, *Les sentences dans la pensée grecque d'Homère à Euripide*, Paris, 1903.
- (13) Vide H. I. MARROU, *Histoire de l'éducation dans l'Antiquité*, Paris, 1965, p. 41; M. H. ROCHA PEREIRA, *Estudos de história da cultura clássica*, I, *Cultura Grega*, Lisboa, 1988, p. 133 - 139.

Sob a forma de sentenças se apresentam, por exemplo, as elegias gnómicas ou moralistas de Teógnis de Mégara que, nos versos considerados autênticos em que se dirige a Cirno, nos lega uma espécie de breviário para a juventude aristocrática, com reflexos no humanismo

Esta educação pelo paradigma, de grande valor na cultura greco-latina, justifica a predilecção que existia no Renascimento por obras históricas e de filosofia moral. Além de Platão e Aristóteles, que ditaram as bases teóricas da *paideia*, difundida no mundo greco-latino sobretudo através da obra de Cícero, o pai da *humanitas*, são os historiadores gregos Heródoto, Tucídides, Xenofonte⁽¹⁴⁾, e os latinos César, Salústio, Tito Lívio⁽¹⁵⁾, a par de autores como Cícero, Séneca⁽¹⁶⁾, Plutarco e Diógenes Laércio os principais transmissores dos *exempla* clássicos⁽¹⁷⁾.

Os *Apophthegmata* e os *Moralia* de Plutarco, com sua prosa tecida de citações, designados já "o breviário do século"⁽¹⁸⁾, a obra de Diógenes Laércio, descoberta no século XVI, mas difundida já antes através de uma adaptação, a colectânea medieval de Walter Burley, que oferece um conhecimento das escolas filosóficas gregas e divulga um *corpus* de *sententiae* e anedotas, são obras privilegiadas nos prelos de toda a Europa. É que nelas satisfaziam os humanistas o interesse pela antiguidade, pela profundidade do seu pensamento, e enriqueciam de *exempla* a sua *inuentio* ⁽¹⁹⁾.

português. Vide e.g. Jerónimo Osório, no livro VI do seu *De regis institutione et disciplina* (I, 440.16-20, ed. cit. infra n. 40) cita Teógnis de Mégara, em tradução latina, para abonar da importância que têm a conversação e a convivência com homens doutos e íntegros na aquisição da prudência e da sabedoria.

- (14) Sobre a predominância dos *exempla* nestes três historiadores, vide J. P. SERRA, 'Pedagogia e exemplo na historiografia grega', in *Euphrosyne* n. s. 14 (1986) 53 - 76.
- (15) Cf. e. g. a *ratio studiorum* proposta por Osório para a educação do seu príncipe, infra, n. 42.
- (16) Da vulgarização da mensagem destes autores dá testemunho a comédia renascentista. Na comédia *Aulegrafia* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, Cícero e Séneca são referidos quase proverbialmente: Cícero como símbolo da língua latina, Séneca da filosofia moral, da palavra sentenciosa. Cf. ed. de A. A. MACHADO DE VILHENA (conforme a segunda edição de Lisboa. Por Pedro Craesbeek, 1619), Porto, 1968, e. g. fl. 84, p. 153: "... com vossos pós de latim, fazeys rosto a tolo, digo Tulio"; fl. 8, p. 34: "está sobre mym como hum Seneca"; fl. 176 v., p. 279: "Falais Seneca". Também em *Ullissipo*, do mesmo autor (Lisboa, 1618), V, 8, fl. 271 v. : " Falais Seneca, e algum catarpacio o ledes vos, que vos fez tão sengo". Sá de Miranda em *Vilhalpandos*, IV, 5 (*Obras completas*, II, Lisboa, 3 1977), p. 234: "Falas como um Séneca".
- (17) Plutarco e Diógenes Laércio chegam mesmo a ser editados conjuntamente, com esta finalidade: *Apophthegmata graeca regum et ducum, philosophorum item aliorumque... ex Plutarco et Diogene Laertio. Cum latina interpretatione. Loci aliquot in Graeco contextu emendati fuerunt... s.l., H. Stephanus, 1568.*
- (18) R. AULOTTE, *Amyot et Plutarque. La tradition des moralia au XVI^e siècle*, Genève, 1955, p. 19; DOMINIQUE FAURE, *L'éducation selon Plutarque d'après les oeuvres morales*, 2 vols, Aix-en Provence, 1960. Do interesse pelos *Apophthegmata* falam as muitas edições que se fizeram da tradução latina por Francisco Filelfo, desde a de Veneza de 1471 (B.N.Paris - cota: Rés. Z 507).
- (19) Citações de Plutarco encontram-se nos tratados pedagógicos, especialmente a partir da *Doutrina de Lourenço de Cáceres ao Infante D. Luís*. Está representado nas *Sentenças* de

Os primeiros autores do "Quattrocento" italiano, empenhados na vida pública das suas cidades e na formação integral dos concidadãos, impõem ao mundo culto os padrões de uma educação aristocrática. Intencionalmente a filosofia moral tornou-se um traço característico da vida intelectual deste período, de par com o conhecimento da história e do direito, disciplinas que preparam para a vida activa. Fizera-se ouvir a voz de Cícero, que no *De oratore* (1.5) recomendava: *Tenenda praeterea est omnis antiquitas, exemplorum uis, neque legum aut iuris ciuilis scientia negligenda est.*

Estes conhecimentos, no entanto, passam pela aquisição de uma competência linguística, capaz de interpretar e assimilar a mensagem das obras da Antiguidade. Muitas traduções, elaboradas a partir de originais gregos, se devem aos humanistas italianos do séc. XV, patrocinadas em grande parte pelo papa Nicolau V, o fundador da Biblioteca Vaticana⁽²⁰⁾. Estas estão na base de muitas outras que se fizeram em língua vulgar. A título de exemplo, refiram-se, pelo seu grande valor e repercussão, as traduções latinas de Aristóteles de Leonardo Bruni e as de Marsilio Ficino da obra de Platão. Em língua vulgar, lembre-se apenas a tradução intitulada *Histoire d' Alexandre* de Quinto Cúrcio – completada, nas lacunas do original, sobretudo pela *Vida de Alexandre* de Plutarco, segundo a versão latina de Guarino de Verona – que é da autoria de Vasco de Lucena, um português ao serviço da corte de Borgonha⁽²¹⁾. Muito provavelmente é ainda Lucena o tradutor da *Vida e feitos de Júlio César*, tradução portuguesa de *Le fet des Romains*, oferecida antes de 1466 pela duquesa Isa-

André Rodrigues de Évora e de Frei Luís de Granada. A sua mensagem informa as *Sententiae* de Diogo de Teive. A sua importância manifesta-se na própria construção do discurso humanista, em obras como o *Duarum uirginum colloquium de uita aulica et priuata* de Luísa Sigeia e o *Diálogo da viciosa vergonha* de João de Barros, inspirado no tratado de Plutarco Περὶ ἄωσότητος, através da tradução latina de Erasmo, como provou A. da Costa Ramalho, 'João de Barros e Erasmo a propósito da Viciosa vergonha', *Humanitas* 37-38 (1986) 275-280. A obra de Diógenes Laércio *De uitiis, dogmatis et apophthegmatis clarorum philosophorum libri X* - que, além de repositório de *exempla*, esteve na base de tratados humanistas como o *De initiis, sectis et laudibus philosophiae* de J. L. Vives -, exerceu desde Fernão Lopes e a Dinastia de Avis influência na nossa literatura, sobretudo através da compilação de Walter Burley, nele baseada, *Liber de uita ac moribus philosophorum poetarumque ueteres*. Sobre a popularidade desta compilação, vide Joaquim de Carvalho, *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XV*, vol. I, Coimbra, 1949, p. 17-18.

- (20) A este propósito, veja-se P. O. KRISTELLER, *Renaissance thought and its sources*, New York, 1979, p. 148-149; L. GUALDO ROSA, 'Le traduzioni dal greco nella prima metà del 400: alle radici del classicismo europeo', in *Hommages à Henry Bardon*, eds. M. RENARD et P. LAURENS, Bruxelles, 1985, p.177-193.
- (21) R. BOSSUAT, 'Vasque de Lucène, traducteur de Quinte-Curce (1468)', *Bibliothèque d'Humanisme et Renaissance* 8 (1946), 197-246; IDEM, 'Les sources du Quinte-Curce de Vasque de Lucène', in *Mélanges Félix Grat*, I, Paris, 1946, p. 345-356.

bel a seu sobrinho, o condestabre D. Pedro, então pretendente ao trono de Aragão⁽²²⁾, figura que mereceu ser tratada neste congresso.

A tradução, considerada indispensável como instrumento do saber clássico⁽²³⁾, vai perdurar ao longo de um século. Provam-no as versões de Claude Seyssel, Étienne de la Boétie e Amyot, em França, as de Diego Gracian de Alderete em Espanha e as de D. António Pinheiro em Portugal, em pleno séc. XVI.

A fé na exemplaridade do mundo clássico e nos seus autores, considerados como mestres de perfeição estilística e intérpretes dos mais altos valores morais e de uma ética de comportamento humano, está na génese de toda a criação artística no século de ouro europeu e serve de suporte ao ardor pedagógico que o caracteriza. É assim que os humanistas desde Pier Paolo Vergerio, Vittorino da Feltre, Rudolfo Agricola, Wimpfeling, Erasmo, Thomas Elyot, Luis Vives, Melanchton, Guillaume Budé, para referir apenas autores do primeiro humanismo italiano e europeu, revelam afinidades entre si e repetem por vezes as mesmas ideias. Esta unidade de pensamento, a nível educativo, em muitos aspectos importantes, deriva do facto de utilizarem fontes antigas comuns e se reportarem a um determinado momento de empenhamento colectivo em dar solução à problemática espiritual do homem⁽²⁴⁾.

No humanismo renascentista, o saber clássico é essencialmente fruto da instituição docente. Se alguns dos primeiros humanistas italianos, a começar por Petrarca, não se encontram directamente ligados à docência, a segunda geração de humanistas e os principais representantes do humanismo europeu são em grande parte indissociáveis da história da pedagogia⁽²⁵⁾.

Entre nós, Aires Barbosa, discípulo de Poliziano e mestre de retórica em Salamanca, ou Cataldo Parísió Sículo, o italiano que foi educador da aristocracia portuguesa em finais do séc. XV, representam programática e paradigmaticamente os novos conteúdos e valores do nascente humanismo português e europeu⁽²⁶⁾.

(22) É esta a opinião de M. HELENA MATEUS, *Vida e feitos de Júlio César*, ed. crítica da tradução portuguesa quatrocentista de *Le fet des Romains*, Lisboa, 1971.

(23) Sobre a arte da tradução vide GLYN P. NORTON, *The ideology and language of translation in Renaissance France and their humanist antecedents*, Genève, 1984.

(24) Vide e. g. E. GARIN, *L'educazione in Europa 1400/1600*, Roma-Bari, 3 1976; A. GRAFTON and L. JARDINE, *From Humanism to the Humanities. Education and liberal arts in fifteenth- and sixteenth-century Europe*, London, 1987.

(25) Cf. A. SCAGLIONE, 'The humanist as scholar and Politian's conception of the *Grammaticus*', *Studies in the Renaissance* 8 (1961) 49-70.

(26) Sobre a introdução do humanismo em Portugal e o papel desempenhado por Cataldo Sículo, vide em especial os trabalhos de A. COSTA RAMALHO, em *Estudos sobre a Época do*

Ilustrativo, neste particular, é o afã pedagógico de Erasmo⁽²⁷⁾, discípulo do primeiro humanismo italiano, sobretudo da filologia de Valla e Poliziano, e ainda de Rudolfo Agrícola, autores que muito contribuíram para a valorização da retórica, que está na base da verdadeira "rinascita" humanista⁽²⁸⁾.

À *familia Erasmiana* pertenceu Damião de Góis, a quem o humanista de Roterdão dedicou um *Compendium rhetorices ad Damianum a Goes Equitem Lusitanum*, que consiste num conjunto de notas de carácter didáctico sobre lugares comuns e *schemata* retóricos, sobre a forma de ampliar ou enriquecer a frase, a estrutura do discurso e os diferentes géneros oratórios.

Repetidamente Erasmo afirma o valor dos *exempla*, das *sententiae* na formação retórica e na educação moral. Na carta a Lord Montjoy, que serve de prefácio à edição parisiense dos *Adagia*, o humanista afirma mesmo que é nos adágios, nas sentenças, nos apotegmas e nos provérbios que se encontram as principais fontes e os principais atractivos do discurso. Invoca o modelo moderno, oferecido pelo *Liber Miscellaneorum* de Poliziano, e adverte para o facto de os textos sagrados serem também campo favorável à colheita de fórmulas sentenciosas. Conclui, finalmente, que nestas fórmulas se continha algo de divino e adequado às coisas celestes⁽²⁹⁾.

Entre as suas obras pedagógicas, refira-se o *De duplici copia uerborum ac rerum*, em que reflecte prioritariamente no método de leitura, tendo em vista a capacidade individual de produzir um texto, inserindo e assimilando elementos retóricos – as sentenças de autores da Antiguidade –, considerados *semina dicendi*, modelos

Renascimento, Coimbra, 1969; *Estudos sobre o século XVI*, Lisboa, 1983; *Latim Renascentista em Portugal (Antologia)*, Coimbra, 1988; *Para a história do Humanismo em Portugal*, I, Coimbra, 1988; *Cataldo Parisio Sículo, Epistolae et orationes*. Edição facsimilada. Introdução de A. da Costa Ramalho, Coimbra, 1988.

- (27) Com a preocupação de defender as *humaniores litterae* contra a *barbaries*, compõe Erasmo obras como a *Paraphrasis* das *Elegantiae linguae latinae* de Valla, o *De copia rerum ac uerborum*, o *De conscribendis epistolis*, os *Antibarbarorum libri*, a *Adagiorum Collectanea*; o *Apothegmatum opus*; as *Familiarium colloquiorum formulae*.
- (28) Conhecida é a influência, no pensamento de Erasmo, dos humanistas que marcaram a primeira geração de filólogos italianos, como Valla - a quem se devem as *Disputationes dialecticae* e as *Elegantiae linguae latinae* -, ou de Poliziano, que conta entre as suas obras com um *Liber Miscellaneorum*, modelo moderno da literatura de carácter sentencioso, tanto ao gosto do humanista de Roterdão. Sobre a importância de Rudolfo Agrícola, autor de obras como *De inuentione dialectica*, *De formando studio*, *De usu locorum communium*, na obra e na arte de escrever de Erasmo, vide e. g. R. J. SCHOECK, 'Agricola and Erasmus: Erasmus' inheritance of Northern Humanism', in *Rodolphus Agricola Phrisius (1444-1485)* cit., p. 181-188.
- (29) *Correspondance d'Erasmus*. Édition intégrale. Traduite et annotée d'après l'*Opus epistolarum* de P. S. Allen, H. M. Allen et H. W. Garrod. Tome I, 1484-1514, Paris, 1967, p. 264-271.

paradigmáticos do discurso literário.

Também a organização curricular e o elenco dos autores recomendáveis são objecto de reflexão na *Ratio studii ac legendi interpretandique auctores*. Antes de se entregarem ao estudo dos *auctores grauiores*, os alunos, preliminarmente, devem ler os *Disticha Catonis* e as *Sententiae* de Publílio Siro, que o próprio Erasmo edita⁽³⁰⁾.

Na *Institutio principis christiani* refere ainda as leituras recomendáveis: entre os Livros Sagrados, os *Provérbios de Salomão*, o *Eclesiástico*, o *Livro da Sabedoria*, a seguir os *Evangelhos*; em terceiro lugar, surgem os *Apophthegmata* de Plutarco e logo depois os *Moralia* e a obra de Séneca⁽³¹⁾. Segundo os princípios da educação nova, a educação humanista, Erasmo manifesta-se, como todos os pedagogos da época, empenhado em ministrar um ensino gradual, capaz de fornecer os fundamentos morais e os recursos retóricos indispensáveis à modelação do espírito, ainda tenro, dos jovens. Em consonância com Erasmo, estava a pedagogia conimbricense, que integrava nos seus *curricula* obras como o *De copia*, os *Adagia* e os *Colloquia*, na adaptação de M^o. João Fernandes, destinados a oferecerem aos estudantes da latinidade um texto moderno⁽³²⁾.

Atitude idêntica à de Erasmo, ou mesmo nela inspirada é, entre nós, assumida pelos tratadistas que se ocuparam da educação aristocrática, como Clenardo e Vaseu⁽³³⁾, ou principalmente da educação régia, de que a *Institutio principis christiani*

(30) Vide a análise destas obras em J. CHOMARAT, op. cit. p. 712 e sqq. e p. 415. Sobre a edição das *Sententiae* de Publílio Siro - conhecidas e divulgadas como *Prouerbia Senecae* - que Erasmo edita em 1514, vide F. GIANCOTTI, *Ricerche sulla tradizione manoscritta delle sentenze di Publilio Siro*, Messina - Firenze, 1963, p. 36 e sqq. Sob a designação de *Livros dos Provérbios* encontra-se esta obra citada na *Virtuosa Benfêitoria* do Infante D. Pedro (ed. de JOAQUIM COSTA, Porto, 1946, p. 64).

(31) Vide DESIDERIVS ERASMVS, *Opera omnia*, edição J. LECLERC, Leiden, 1703 (tradicionalmente citada com a sigla LB), IV, 587 E-F.

(32) Vide J. ALVES OSÓRIO, *O humanismo português e Erasmo. Os Colóquios de Erasmo editados em Coimbra no século XVI*. Estudo e apresentação crítica do texto, 2 vol., Porto, 1978 (tese dactil.).

(33) A *Collectanea Rhetorices* de Vaseu, editada em Salamanca, em 1538, inspira-se em Cícero e Quintiliano e utiliza com frequência, no que se refere sobretudo à *amplificatio*, o *De inuentione* de Rudolfo Agrícola e o *De copia* de Erasmo, que cita a cada passo. Em 1549, Vaseu publica em Coimbra um *Index rerum et verborum copiosissimus ex Des. Erasmi Roterodami Chiliadibus*, revelador, além do apreço pessoal pelos *Adagia*, da utilidade em que era tida esta obra.

Pontos de contacto entre a pedagogia do humanista holandês e Clenardo são visíveis nas suas *Institutiones grammaticae Latinae*, editadas pelo seu amigo Vaseu, em Coimbra, em 1546.

Sobre o método pedagógico de Clenardo, idêntico aos de Erasmo e Mathurin Cordier, vide R.

se tornou modelo paradigmático. Todos manifestam a mesma crença na educação, "uma segunda natureza", e no carácter profundo que nela assumem os primeiros rudimentos, traduzidos em imagens emblemáticas como a do vaso de que nos fala Horácio⁽³⁴⁾, que retém por muito tempo o aroma daquilo que primeiramente lhe foi introduzido.

Francisco de Monçon, um leitor dos *Adagia* ⁽³⁵⁾, no seu *Libro primero del principe christiano*, em que é nítida a influência de Erasmo, bem como de Plutarco e dos moralistas antigos, exprime o seu apreço pelos ditos sentenciosos e proverbiais, utilizados pelos autores antigos, os Padres da Igreja e a Sagrada Escritura, como se de pedras preciosas se tratasse⁽³⁶⁾.

Diogo de Teive, na sua *Institutio Sebastiani Primi*, antecedida de uma recolha de *Sententiae*⁽³⁷⁾, dirige estas palavras a Francisco Sá de Meneses, a quem gostaria de

BOLGAR, *The classical heritage and its beneficiaries*, Cambridge, 1958, p. 354. Sobre Vaseu, que veio de Salamanca ensinar no Colégio de S. Paulo, em Braga, vide ANÍBAL PINTO DE CASTRO, *Retórica e teorização literária em Portugal, do Humanismo ao Neoclassicismo*, Coimbra, 1973, p. 25-27.

(34) HOR. *Epist.* I, 2, 69-70: *Quo semel est imbuta recens seruiabit odorem/ testa diu*. Esta imagem recolhida por Quintiliano (I, 1,36) e frequentemente usada por Erasmo (e. g. *LB*, I, 358 C; I, 494 A; I, 768 E; II, 529 F; V, 713 B) encontra-se na *Institutio Sebastiani Primi* de Diogo de Teive (cf. texto e tradução, ed. cit. infra n. 37), p.104-105: *Infusa primum in omne adhaerent seculum,/ Vt primum odorem dolia retinent noua*: 'Como convém a hum estreito vaso/ A primeira affeição essa he a que dura/ Da maneira que sóe o vaso novo/ Conservar para sempre novo cheiro/ Daquillo que primeiro em si recolhe'.

(35) Vide MARCEL BATAILLON, *Érasme et l'Espagne*. Nouvelle édition en trois volumes, texte établi de l'édition de 1937 par Daniel Devoto et édité par les soins de Charles Amiel (Travaux d'Humanisme et Renaissance N° CCL), Genève, 1991, p. 669-671.

(36) *Livro primeiro del espejo del principe christiano que trata como se ha de criar un principe o niño generoso desde su tierna niñez con todos los exercicios e virtudes que le convienen hasta ser varón perfecto. Contiene muy singulares doctrinas morales y apazibles*, Lisboa, 1544, fol. 4 rº : "Conviene tambien que algunas vezes los libros de varia erudición y doctrina lleven insertas algunas sentencias oscuras y proverbios antiguos que adornan y dan autoridad a la obra; porque son unos dichos breves, y por metáphoras de propiedades naturales, que dixerón algunos famosos sabios para dar algunos saludables consejos y avisos a los hombres; y por ser de tanto valor y estima quisieron engtasarlos en sus obras (como piedras preciosas) los filósofos y doctos varones que les succedieron, como hizieron Platón, Aristóteles, Plutarcho, Plinio, Cicerón, Quintiliano, Hierónimo y Augustino con las más de las personas que por sabias y doctas celebramos." O sublinhado é nosso.

(37) A *Institutio Sebastiani primi* foi editada pela primeira vez nos *Opuscula aliquot*, em 1558, e inserta de novo juntamente com as *Sententiae* (de um lado o texto latino, do outro a tradução), no livro primeiro dos *Epoden libri*, publicados em 1565. Cf. a edição setecentista, por onde citamos: *Epodos que contém sentenças uteis a todos os homens, A's quaes se acrescentaõ Regras para a boa educação de hum Principe: Composto tudo na Lingua Latina pelo insigne portuguez DIOGO DE TEIVE*. Traduzido na vulgar em verso solto por FRANCISCO DE ANDRADE, Chronista mór do Reino, e Guarda mór da Torre do Tombo. Copiado fielmente da Edição de Lisboa de 1565, LISBOA, Na Of. Patr. de Francisco Luiz Ameno, M.DCC.LXXXVI.

ver como responsável pela educação do príncipe menino, e aconselha-o, nestes termos⁽³⁸⁾:

Grauibus his sententiis

*Exempla iunge maximorum Principum,
His nocte gratas fabulas, quae recreant
Puerile pectus, et bono exemplo docent
Virtutem amare, odisse crimen, ac scelus.
Multa sapientum dicta, multa Principum
In ore habenda...*

Ajuntar-lhe-has com isto alguns exemplos
De Principes famosos d'outro tempo.
Tambem ajunta historias fabulosas,
Que a peitos pueris são agradáveis,
E com exemplos bons, inda que falsos,
Lhe ensinaõ que ás virtudes se affeioem,
e de verdade os vicios aborreçaõ.
Ensina-lhe a trazer sempre na boca
Muitos ditos de Príncipes, e sabios.

Esta a versão, em verso solto, de Francisco de Andrade. À transparência do texto latino, acessível ao pueril entendimento, junta-se o atractivo do texto poético, em vernáculo. E assim Teive verá cumprir-se o objectivo das suas *Sententiae*, que pode resumir-se na expressão *aetheream expolire mentem*, "ornar a sublime alma" de D. Sebastião, com sete anos de idade, ainda incompletos⁽³⁹⁾.

O tratado pedagógico mais completo do nosso humanismo renascentista é o *De regis institutione et disciplina* de D. Jerónimo Osório, em oito livros⁽⁴⁰⁾, de 1572, dedicado ao mesmo príncipe, a quem prosadores e poetas, na língua portuguesa ou na latina, dirigiram as suas composições, com a finalidade de o instruir, orientar ou aconselhar.

(38) Ibidem, p. 122-125.

(39) Ibidem, p. 6-7: *Hendecasyllabum ad Sebastianum* que precede as *Sententiae* e lhes serve de dedicatória - *O Rex inclyte, rex beate dono; [...] Quae nostra timida manu offeruntur, / Possunt aetheream expolire mentem*, "Mas os dons qu'eu te offerto, inclyto rei, / Saõ dons de mais valia [...] Eu com tímida maõ venho offercer-te/ com que possas ornar a sublime Alma".

(40) HIERONYMI OSORII LUSITANI Episcopi Algarbiensis *Opera omnia*, Hieronymi Osorii nepotis Canonici Eborensis diligentia. In unum collecta, et in Quattuor uolumina distributa. Ad Philippum I Portugaliae regem inuictissimum. Romae, Ex Bibliotheca Georgij Ferrarj, MDXCII. As referências feitas dizem respeito ao tomo, à coluna e à linha do texto.

A *ratio studiorum* proposta por Osório, que se estende por dois livros (IV-V), abrange todos os ramos do saber, a educação enciclopédica, com raízes na sofística grega e helenística, que tem a maior importância (I.404.6-10) para o desenvolvimento da inteligência e a aquisição da *humanitas*. A dialéctica, fundamento da eloquência (I.397.27-398.59), a par da retórica (I.398.59 e sqq.), disciplinas que estão na base da arte de bem falar, devem ser incluídas na educação régia. No livro V, ao pronunciar-se sobre o poder persuasivo da eloquência, muito necessária num príncipe, define nestes termos a forma como ele se deve exprimir⁽⁴¹⁾: "Por isso que ele cultive uma expressão correcta, pura, elegante, inteligível, rica nos termos e grave nas sentenças, precisa na linguagem, não redundante e difusa, nem arrebicada de palavras obscenas ou chocarreiras". Já no livro IV, ao tecer considerações sobre a disciplina de gramática, emite um juízo valorativo dos autores clássicos latinos. Enumera os historiadores César, Salústio e Lívio, que "aliam a elegância e a pureza da língua à gravidade das sentenças". Entre os oradores, apenas o maior de todos, Cícero – não fora Osório conhecido, no seu círculo de amigos, em Itália, como o Cícero português! Dos poetas, além de Virgílio, escolhe Horácio, para que o príncipe se deleite com as suas sentenças e a sua *urbanitas* ⁽⁴²⁾.

Este programa é bem exemplificativo do papel da filosofia moral, da história e da poesia no processo formativo do homem. À educação moral e intelectual, sem esquecer a física, se liga indissociavelmente, dentro dos novos padrões educativos, a componente retórica, indispensável à capacidade oratória, à arte da palavra do *homo urbanus*, que se distingue pela *nobilitas morum*, pela cultura, pelo trato e gostos elegantes, tal como preceitua Pontano no *De sermone* e Castiglione em *Il cortegiano*.

O ressurgir do neo-estoicismo desde Petrarca, que muito deve a Séneca, *maxi-*

(41) H. OSORII *Op. omnia*. I, 401.58-402.1: *Genus igitur tantum dicendi colat, rectum, purum, elegans, enucleatum, uerbis grande, sententiis graue, oratione pressum, non redundans, et effluens, nec inuerecundis uerborum festiuitatibus expolitur.*

(42) H. OSORII *Op. omnia* I, 383.22-27: *Si quaeritis autem, quos illi auctores enarrandos censeam; ex historicis uel Caesarem, uel Sallustium, uel Liuium deligendos existimo. Sunt enim in rerum gestarum explicatione prudentes, et Romani sermonis elegantiam, et puritatem, cum sententiarum grauitate coniungunt; et quilibet in suo genere summam eloquentiae laudem consecutus est. Iam uero Cicero noster non solum eloquentissimus, sed etiam optimus Princeps exstitit: ita, ut non solum summus dicendi, sed summus etiam Reipublicae moderandae magister habendus sit. Volo etiam, ut Vergilii summum ingenium, et orationis magnificentiam admirari discat, et Horatii etiam sententiis, et urbanitate delectetur.*

mus morum philosophus e mestre de espiritualidade⁽⁴³⁾, e Poliziano, tradutor para língua latina do *Manual* de Epicteto, conjuga-se no nascente humanismo italiano com a afirmação do ideal retórico da latinidade, no sentido da valorização da *sententia*⁽⁴⁴⁾.

A estratégia argumentativa da *oratio* humanista, fundada na *utilitas* e ancorada a um universo de valores, que se move na base da retórica clássica, privilegia a razão e a palavra, *ratio oratioque*. Através dos tratados *De oratore*, *Brutus* e *Orator* de Cícero, da *Institutio oratoria* de Quintiliano e do *Diálogo dos oradores*, atribuído a Tácito, recentemente descobertos, o homem renascentista apreendia o sentido essencial da retórica, assumida como valor de relação humana e meio da expressão da consciência humanística, que se traduzia na busca de um ideal de estilo, capaz de conferir dignidade e beleza ao discurso⁽⁴⁵⁾. Apesar dos pontos de vista complementares ou divergentes dos tratadistas latinos, as suas obras privilegiam o *sententiarum splendor*, o brilho das sentenças, que sobressai como se de pedras preciosas se tratasse, quer na *copia*, quer na *concinnitas stili*. Mesmo no estilo que segue a *ubertas* ciceroniana e se espria numa *amplificatio* argumentativa, que é pedagogia e parênese, como é o caso do *De regis institutione et disciplina* de D. Jerónimo Osório, há um recurso constante ao *exemplum* clássico.

É no entanto o vigor da *sententia*, conceito e forma lapidares, *cogitati acumen*, ao mesmo tempo *probatio* e *ornatus* – inspirada em Séneca, Tácito e nos autores do período argênteo – que vai impor um estilo filosófico propriamente humanista e o gosto pelo aticismo, que Erasmo, Budé e a *Dialectique* de 1555, de Pierre de la Ramée, testemunham⁽⁴⁶⁾.

(43) Sobre a importância de Séneca, a par de Cícero, na formação cultural e espiritual dos primeiros humanistas florentinos, vide G. G. MEERSSEMANN, "Seneca maestro di spiritualità", *Italia Medioevale e Umanistica*, 16 (1973), 43 sqq.

(44) *Epicteti Stoici Enchiridion ab Angelo Poliziano e Graeco uersum - Il Manuale di Epitteto nella versione di Angelo Poliziano*, a cura e con prefazione di Giuseppe Rensi, Milano, 1926. Veja-se a análise desta obra em IDA MAIER, *Ange Politien. La formation d'un poète humaniste (1469-1480)*, Genève, 1966, p. 374 e sqq.
Digna de nota é a *Proverbialis oratio* de Filippo Beroaldo, o Velho, amigo de Poliziano, que é um convite ao estudo da ciência moral através da sabedoria popular, consignada nos provérbios.

(45) A análise das concepções estéticas, de acordo com as tendências que afloram ao longo do humanismo renascentista, encontra-se no excelente estudo de MARC FUMAROLI, *L'âge de l'éloquence. Rhétorique et "res literaria" de la Renaissance au seuil de l'époque classique*, Genève, 1980.

(46) Além do que já foi dito sobre as concepções estéticas e a *ars scribendi* de Erasmo e Budé, é de referir ainda que Pierre de La Ramée, na sua *Dialectique* de 1555 (ed. M. DASSONVILLE,

Mas, se o estilo sentencioso de Sêneca, a que se alia a majestade do de Tácito, definem o triunfo do aticismo, que se sobrepõe à *aetas ciceroniana*, Cícero foi o autor preferido da designada segunda Escolástica, que fornecera argumentos à questão das relações entre retórica e filosofia, bem como, a partir do concílio de Trento, entre retórica e teologia católica, abrindo caminho à doutrina de Aristóteles e à obra dos *Conimbricenses*.

Apesar das tendências que marcam o sentido da evolução dos gostos estéticos, os humanistas perfilham a *multiplex imitatio*, exemplificada no símile lucreciano da abelha, a recolher o néctar em todas as flores (*De rer. nat.* 3.11-12): *Floriferis ut apes in saltibus omnia libant, / Omnia nos itidem depascimur aurea dicta*. Esta imagem que se encontra também em Sêneca (*Ep.* 65) gozará da maior fortuna entre os poetas e teorizadores do Renascimento⁽⁴⁷⁾.

Genève, 1964; réimpr. Genève, 1972), confere um importante papel aos lugares comuns e sentenças dos autores antigos, na retórica da invenção. Vide W. J. ONG, S. J., 'Ramus éducateur - Les procédés scolaires et la nature de la réalité', in *Pédagogues et juristes* (Congrès Tours, 1960), Paris, 1963, p. 207-221; N. BRUYÈRE, *Méthode et dialectique dans l'oeuvre de La Ramée - Renaissance et âge classique*, Paris, 1984, p. 305 e sqq.; KEES MEERHOFF, 'Agricola et Ramus - dialectique et rhétorique', in *Rodolphus Agricola Phrisius (1444 - 1485)* cit., p. 270-280.

(47) Já Petrarca, na linha de S. Jerónimo, se preocupa com o verdadeiro sentido de uma adequada *imitatio* dos autores antigos - que estará na origem da famosa querela do ciceronianismo. Vide carta dirigida a Boccaccio, em que emprega a metáfora senequiana da abelha, in *Lettere di Francesco Petrarca delle cose familiari libri ventiquattro* (...), volgarizzate e dichiarate con note da GIUSEPPE FRACASSETTI, 5 vol., Firenze, 1863-1865: III, p. 239-241. Paradigmática do eclectismo humanista - que longe da imitação simiesca ciceroniana, afirma o direito à própria autenticidade e diferença - é a expressão de Poliziano, em carta dirigida ao ciceroniano Paolo Cortesi, que figura no livro VIII das *Epistolae: Non exprimis, inquit aliquis, Ciceronem. Quid tum? non enim sum Cícero; me tamen, ut opinor, exprimo*, in *Prosatori latini del Quattrocento*, ed. E. Garin, Milano-Napoli, 1952 (reimpr. Torino, 1977), p. 902. Sobre o discurso poético de Poliziano, cf. infra n. 70 e ainda RENZO LO CASCIO, 'Il lavoro dell'ape e la poesia delle Stanze' in *Il Poliziano e il suo tempo* (Atti del IV convegno internazionale di studi sul Rinascimento), Firenze, 1957, p. 290-331. A questão da imitação arrasta-se no Humanismo italiano desde a polémica de Poliziano e Cortese, Bembo e Pico aos numerosos tratados sobre o assunto: de G. C. Delminio (*Della imitazione*, ca.1530); de Giraldo Cinzio (*Super imitatione epistola*) e de Celio Calcagnini (*Super imitatione commentatio*) de 1532; de B. Ricci (*De imitatione*, 1541); de Partenio (*Dell'imitazione poetica*, 1560), etc.

Desde a escola da Reforma, em Estrasburgo, dirigida por Johan Sturm⁽⁴⁸⁾, à *Schola Aquitanica* de Bordéus⁽⁴⁹⁾, cuja *ratio studiorum*, publicada por Elias Vinet, é da autoria de André de Gouveia – que de França viria fundar o Colégio das Artes em 1548 –, sem esquecer as escolas Jesuítas⁽⁵⁰⁾, por toda a Europa se cultivam e adestraram os alunos na *latinitas*, através de recolha de sentenças. Era a lição de Séneca e Quintiliano, acolhida pela pedagogia humanista⁽⁵¹⁾. Estas sentenças, anotadas em edições escolares – preparadas para o registo interlinear – ou simplesmente em blocos de apontamentos sistematizados, segundo os diversos temas, permitiam um enriquecimento da *inuentio* e da *elocutio* e constituíam um *corpus*, que era já um esboço de futuras colectâneas⁽⁵²⁾.

-
- (48) Sobre J. Sturm, reformador do Ginásio de Estrasburgo e autor de uma vasta obra pedagógica e de um famoso tratado *De literarum ludis recte aperiendis* (1538), vide PIERRE MESNARD, 'The pedagogy of Johann Sturm (1507-1589) and its Evangelical Inspiration' in *Studies in the Renaissance* 13 (1966), 200-219. A propósito desta prática pedagógica, vide p. 211: "The pupil will be invited to try to draft short separate sentences, corresponding to a well-determined experience".
- (49) Vide *Schola Aquitanica. Regulamento de estudos de André de Gouveia, publicado em Bordéus por E. Vinet*. Texto latino revisto por Alfredo de Carvalho, Coimbra, 1941. Sabe-se que, em 1578, o impressor de Bordéus, Millanges, imprimiu livros com espaços interlineares, de Cícero, de Virgílio e de Ovídio, para as classes do Colégio da Guena. Cf. F. DAINVILLE, *La naissance de l'Humanisme moderne*, Paris, 1940, p. 112. Sobre os métodos de ensino em França, no que respeita à formação retórica, vide A. GRAFTON, 'Teacher, text and pupil in the Renaissance class-room: a case study from a Parisian College', in *History of universities*, I, London, 1981, p. 37-70.
- (50) O jesuíta Pedro Perpilhão, professor em Coimbra, no seu tratado *De ratione liberorum instituendorum literis Graecis et Latinis* (1565), no capítulo VII, recomenda o uso de edições adequadas à anotação interlinear, nestes termos: *tum sententiarum tum verborum paraphrasticas interpretationes suo quidque loco inter uersus ipsos [pueri] interponant* (*Petri Ioannis Perpiniiani Soc. Iesu aliquot epistolae*, Paris, 1683, p. 120).
- (51) Quintiliano (1.9.3) recomenda a anotação de sentenças nas gramáticas escolares e Séneca (*Ep.* 33.7) afirma, nestes termos, que as crianças são bem capazes de as compreender: *ideo pueris et sententias ediscendas damus et has quas Graeci chrias uocant, quia complecti illas puerilis animus potest, qui plus adhuc non capit*. Entre os pedagogos humanistas, este método pedagógico é aconselhado por Erasmo, em *De duplici copia*, (*LB*, I, 100-101) e por Luis Vives em *Introductio ad sapientiam* e em *Epistola II de ratione studii puerilis*, in *Opera omnia*, Valencia, 1782 (I, 14 e 272-273).
- (52) Neste particular, é do maior interesse a correspondência latina do humanista Antoine Arlier, que, numa das cartas a seu filho Jean Arlier, escrita de Turim, a 24 de Abril de 1542, o aconselha a seguir o exemplo do jovem César Bairo, que coligia de forma organizada, num caderno, o *chirographarium*, sentenças e fórmulas de dizer, colhidas nos bons autores, que, depois de decoradas, lhe serviam de ornamento ao estilo na arte oratória. Cf. *Correspondance d'Antoine Arlier, humaniste Languedocien* (1527-1545). Édition critique du Ms. 200 (761 – R.132) d'Aix-en-Provence. Texte établi et commenté par J. N. PENDERGRASS, Genève, 1990. *Ep.* 79: ... *Litterarum vero studia, dii boni, quam diligentissime amplectitur! Paucos libros prae se fert, at selectos. Quae a praeceptore interpretanda sunt, diligenter perlegit; interpretata vero vigilantius et cum iudicio memoriae digno sub ordine mandat, id quidem in*

Em estreita ligação com esta prática pedagógica, grande divulgação conhecem também as colectâneas de sentenças, que a Antiguidade nos legou, verdadeiros repatórios de doutrina e de *topoi* literários. Entre estas, contam-se o *Florilégio* de Estebeu, o *Manual* de Epicteto, os pensamentos de Marco Aurélio, os *Apotegmas* de Plutarco, as *Sentenças* de Publílio Siro, conhecidas indevidamente pelo nome de *Prouerbia Senecae*.

A exemplo dos antigos e na tradição dos autores medievais – cujas obras enciclopédicas orientavam o ensino memorizado e dogmático, genialmente ridicularizado por Rabelais⁽⁵³⁾ –, os humanistas organizavam sistematicamente obras de carácter enciclopédico (*Florilegii, Siluae, Viridarii, Cornucopiae, Thesauri, Margaritae*), como é o caso do *De inventoribus* de Polidoro Virgílio ou a *Silva* de Pero Mexia; colectâneas de sentenças de um só autor, como Cícero, Séneca, Ovídio, Apuleio, ou de diversos expoentes da Antiguidade greco-latina; colecções de *Apotegmas*, de *Adagios*, a que se ligam nomes como Paulo Manúcio e Erasmo⁽⁵⁴⁾.

abdito aliquo loco, quo se frequenter recipit, ibique solus ab strepitu omni semotus commendandas sententias et insignes dicendi formulas calamo ductis lineis notat; notata in libellum, quem chirographarium dicit et in summis deliciis habet, pulchris characteribus transcribit, transcripta vero iterum memoriae donat et hisce demum dicendo et scribendo ingenium persaepe exercet. Consequência desta prática é a inovação do impressor Graphæus, ao publicar uma edição dos *Diálogos* de Luciano (*Luciani dialogi aliquot...*, Anvers, 1527) com espaços deixados em branco para as anotações dos alunos. Da funcionalidade deste expediente fala-nos, nestes termos (f^o1 v^o): ... *quod antea haud factum constat, decenti singulorum versum intersticio quo scilicet pueri praeceptorum praelectiones facilius annotare queant.* Sobre a divulgação da obra de Luciano com fins didácticos, vide CHRISTIANE LAUVERGNAT-GAGNIÈRE, *Lucien de Samosate et le lucianisme en France au XVI^e siècle. Athéisme et polémique*, Genève, 1988, p. 66 e sqq.

(53) Vide *Gargantua*, XIV. Cf. *Oeuvres de F. Rabelais*, ed. A. LEFRANC ET AL., Paris, 1921-1931: I, p. 141, 143-144.

(54) Impossível anotar aqui o número considerável destas colectâneas, pelo que remeto para a bibliografia apresentada por MARC FUMAROLI cit., p. 738-748: "Recueils de sources de l'invention". Contam-se entre estas obras (cito pelo exemplar consultado) as muitas edições quinhentistas de C. RHODIGINVS, *Antiquarum lectionum commentarii*, Venetiae, 1516; R. VOLATERRANVS, *Commentariorum urbanorum Raphaelis Volaterrani octo et triginta libri*, Basileae, 1530. N. PEROITVS, *Cornucopiae, seu latinae linguae commentarii locupletissimi*, Nicolao Perotto Sipuntino pontifice authore, Parisiis, 1543; VICENZO CARTARI, *Le imagini colla sposizione degli Dei degli antichi*, Venetiae, 1556; GREGORIVS REISH, *Margarita philosophica*, Argentorati, 1504; DOMENICO NANO MIRABELLIO, *Polyanthea opus suavissimis floribus exornatum*, Coloniae, 1552; J. RAVISIVS TEXTOR, *Epitheta, studiosis omnibus poeticae artis maxime utilia*, Parisiis, 1524 e ainda *Theatrum poeticum atque historicum siue Officina*, Basileae, 1552; ALBRECHT VON EYB, *Margarita poetica*, Paris, 1477; OCTAVIANVS DE FLOROVANTIS MIRANDVLA, *Viridarium Illustrium poetarum cum ipsorum concordantis in alphabetica tabula*, Venetiae, 1507; JORGE FABRICIO, *Poesis latinae thesaurus*, obra também conhecida por *De re poetica libri III*, Antuerpiae, 1565; BARTOLOMEO CASSANEO, *Catalogus gloriae mundi*, Lugduni, 1546; JOANNES SABOEVS,

O conhecimento destas obras e sua assimilação traduzem-se na permanente inserção do seu conteúdo na dinâmica criadora do texto literário. O pendor mimético do discurso humanista em relação a modelos da antiguidade greco-latina, manifestado sobretudo através da arte alusiva e dos *loci similes*, levaria Marcel Bataillon a afirmar que "no séc. XVI todo o livro corria o risco de se converter em miscelânea"⁽⁵⁵⁾.

Apesar disso, dentro dos princípios aristotélicos do *verosímil* e do *decorum*, que as muitas edições comentadas da *Poética* do Estagirita fizeram reviver⁽⁵⁶⁾, o texto humanista impõe-se pela clareza da sequência discursiva, motivada e coerente, com as suas marcas enunciativas e originalidade própria.

Modernamente, assiste-se a um interesse renovado sobre questões críticas da intertextualidade, da alusão literária, da influência e da formação e validade dos cânones que, além de contemplar a função referencial da literatura, tem em conta sobretudo as suas funções metalinguísticas.

Não sem razão se tem questionado, dentro destes parâmetros, a produção humanista. Em 1982, a "Société Française des Seiziémistes" levou a efeito um colóquio subordinado ao tema "Les méthodes du discours critique dans les études Seizié-

Sententiae ex thesauris graecorum delectae, s.l. n.d.; *Flores Lucii Annaei Senecae, cordubensis, summo labore selecti in omnibus illius operibus. Per D. ERASMUM ROTTERODAMUM uero iudicio emendatis atque correctis ad utilitatem non solum studiosorum adulescentium sed et omni uirtuti ac scientiae amatorum. Additi sunt quidem flores pulcherrimi ex quibusdam opusculis M.T. Ciceronis multum utiles*, Parisiis, 1534; J. GRUTER, *Florilegium ethico-politicum nunquam antehac editum necnon P. Syriaci, L. Senecae sententiae aureae ... Accedunt gnomae paroemiaeque graecorum. Item proverbia*. Francofurti, 1590; NICOLAUS LIBVRNIVS, *Les très élégantes, graves et illustres sentences et belles autorités de plusieurs sages, princes, rois et philosophes grecs et latins* (traduction de Gilles Corrozet), Rouen, 1554. Pelo seu alcance e popularidade lembremos ainda certas obras anónimas como os *Philosophorum quae sunt apud Ciceronem dicta et facta*, Parisiis, 1555, que em muito facilitaria o manuseio da obra do Arpinate; ou ainda *Los cinco libros de Séneca en Romance*, Sevilla, 1491, que recolhiam sentenças e anedotas que nada teriam a ver com o filósofo de Córdoba, mas lhe eram atribuídas (ed. de Alcalá de Henares, 1530: B. N. Paris - Res. R. 237 - 1).

Sobre o género apotegmático, sua origem e evolução, sua representação na Idade Média e Renascimento, o estudo mais completo é o de WILHELM GEMOLL, *Das Apophthegma. Literarhistorische Studien*, Wien, 1924. Cf. e. g. PAVLVS MANVTIVS, *Apophthegmatum ex optimis utriusque linguae scriptoribus libri VIII*, Venetiis, 1590; DESIDERIVS ERASMVS, *Adagiarum Chiliades*, Venetiis, 1508; IDEM, *Apophthegmatum opus*, Parisiis, 1532.

(55) MARCEL BATAILLON, *Erasmus et l'Espagne* cit., p. 678: "Au XVI siècle, d'ailleurs, tout livre courait le risque de se convertir en miscellanée";

(56) Vide B. WEINBERG, *Trattati di poetica e retorica del Cinquecento*, a cura di..., 3 vol., Bari, 1970-1972; ANÍBAL PINTO DE CASTRO, 'La poétique et la rhétorique dans la pédagogie et dans la littérature de l'Humanisme Portugais' in *L'Humanisme Portugais et l'Europe. Actes du XXI^e Colloque International d'Études Humanistes* (Tours, 3-13 Juillet 1978), Paris, 1984, p. 699-721.

mistes", em que se viram aplicadas as técnicas modernas da análise do discurso⁽⁵⁷⁾. Não é de admirar tal iniciativa, se tivermos em conta o papel da retórica clássica e dos seus exemplos textuais nas concepções e análises dos críticos modernos⁽⁵⁸⁾.

Neste particular, um dado há que ter em conta: os textos do humanismo renascentista, concebidos dentro de uma moldura retórica, apontam sempre para um horizonte de conhecimentos que está de acordo com as expectativas do público, e se torna uma verdadeira grelha hermenêutica, condicionante da sua recepção e influência⁽⁵⁹⁾. Esse horizonte de conhecimentos repousava no mundo clássico, com o seu universo ético, fonte inesgotável que alimentava a torrente da cultura do tempo e em que bebia directamente a literatura de carácter sentencioso e paradigmático. Mas a fonte não explica a obra, pelo que não pode deixar de se pôr a questão das leituras possíveis de cada autor e das áreas temáticas para que aponta, definidoras da sua própria identidade literária. Esta sobressai na aceitação de pontos de vista relativos, de perspectivas variadas, que admitem uma estrutura de múltiplas relações e tornam o texto policêntrico⁽⁶⁰⁾. Em suma, o génio do autor está em transformar códigos e fórmulas estratificadas em literatura⁽⁶¹⁾.

É o caso da poesia de Ronsard que, apoiando-se, por exemplo, no *Florilégio* de Estobeu, serve-se de belos versos gregos e latinos, de citações consagradas, de ornamentos literários que denotam a influência directa dos antigos. O mesmo se po-

(57) *Actes du Colloque de la Société Française des Seiziémistes réunis et présentés par G. MATHIEU-CASTELLANI*. Revisés par J.-C. MARGOLIN (14-15 Octobre 1982), Paris, 1987.

(58) Vide e.g. GÉRARD GENETTE, *Figures*, Paris, 1966; ou ainda a obra *Rhétorique générale*, por JACQUES DUBOIS et alii (o designado grupo µ de Liège), Paris, 1970.

(59) Vide H. ROBERT JAUSS, *Pour une esthétique de la réception* (Trad. franc.), Paris, 1978. Como complemento a esta obra e a superar as contradições internas em que as teorias de Jauss incorrem, no que toca à relação dos métodos da recepção com os da história literária tradicional, vide e.g. GERHARD KAYSER, *Introdução à literatura comparada*, Lisboa, 1989; A. GARCÍA BERRIO, *Teoría de la literatura (La construcción del significado poético)*, Madrid, 1989.

(60) A intertextualidade não foi alheia à estética da produção literária, desde a antiguidade clássica. Vide GIAN BIAGIO CONTE, *The rhetoric of imitation. Genre and poetic memory in Virgil and other latin poets*. Trad. inglesa da edição italiana por Charles Segal, Ithaca - London, 1986. No tocante à transcendência textual, que se prende à génese da moderna obra literária, são dignas de nota as palavras de GÉRARD GENETTE, 'Transtextualités', *Magazine littéraire* 192 (1983) 40: "en transforme ou en imite (ce qui est une autre forme de transformer) une ou plusieurs autres: de pans entiers de la littérature universelle, de l'*Odyssee* (au moins) à nos jours [...], bricolages des formes et recyclage des sens (ou l'enverse) sont les deux mamelles de toute tradition".

(61) Sobre a noção de código literário, vide VÍTOR MANUEL DE AGUIAR E SILVA, 'O texto literário e os seus códigos', *Colóquio | Letras* 21 (1974) 23-33.

derá dizer de Montaigne, que acumula referências dos autores clássicos, recolhidas um pouco por todo o lado, a que imprime um certo tom poético, sem impedir que o seu estilo se apresente cortado e denso, embora de uma densidade intelectual incomparável⁽⁶²⁾.

A "retórica das citações", da reescrita, corrente entre os humanistas⁽⁶³⁾, define também o estilo de um Frei António de Guevara, autor do *Libro de Marco Aurélio*, que divulga o pensamento estoíco do imperador romano. Em 1529, um ano depois da edição princeps, esta obra sai publicada em Lisboa, nos prelos de Germão Galharde, com dedicatória a D. João III.

Mais lida no séc. XVI do que a *Celestina*, gozava das preferências do pai de Montaigne, que nos *Essais* (II,2) surgia caracterizado nestes termos: "falava pouco e bem" e "era aficionado por Marco Aurélio"⁽⁶⁴⁾.

O segredo do seu sucesso está em grande parte na arte de escrever, que Guevara sujeita ao gosto dos leitores: "el delicado juício quiere stilo gracioso, elocuencia suave, sentencia profunda y doctrina sana"⁽⁶⁵⁾. Era o *genus humile*, que a sentença,

(62) Sobre a problemática da escrita nestes autores, vide HENRI WEBER, *La création poétique au XVI^e en France de Maurice Scève à Agrippa D'Aubigné*, Paris, 1955: "Les lieux communs philosophiques et moraux", p. 508 e sqq.; ALBERT PY, *Imitation et Renaissance dans la poésie de Ronsard*, Genève, 1984; LAURENT JENNY, 'Sémiotique du collage intertextuel, ou la littérature à coups de ciseaux' in *Revue d'esthétique* (1978) 3-4; ANDRÉ TOURNON, *Montaigne: la glose et l'essai*, Lyon, 1983; MARC FUMAROLI, 'Michel de Montaigne ou l'éloquence du for intérieur', in *Les formes brèves de la prose et le discours discontinu (XVI^e-XVII^e siècles)*, Paris, 1984, p. 27 e sqq..

(63) Sobre o papel essencial da imitação no Humanismo, vide K. MEERHOFF, *Rhétorique et poétique au XVI^e siècle en France. Du Bellay, Ramus et les autres*, Leiden, 1986, p. 184; A. COMPAGNON, *La seconde main ou le travail de citation*, Paris, 1979; T. CAVE, *The cornucopian text, problems of writing in the French Renaissance*, Oxford, 1979; J. ALVES OSÓRIO, 'Diálogo e citação nos Colóquios de Erasmo', *Humanitas* 41-42 (1990) 99-119.

(64) Sobre Guevara, valor e significado da sua obra, vide A. REDONDO, *Antonio de Guevara (1480?- 1545) et l'Espagne de son temps. De la carrière officielle aux oeuvres politico-morales*, Genève, 1976; ANTONIO PRIETO, *La prosa española del siglo XVI*, I, Salamanca, 1986, p. 177-217; C. GARCÍA GUAL, 'El Humanismo de Fray Antonio de Guevara', in *El erasmismo en España* (Ponencia del Coloquio celebrado en la Biblioteca de Menendez Pelayo del 10 al 14 de Junio de 1985). Ed. M. REVUELTA SAÑUDO y CIRÍACO MORÓN ARROYO, Santander, 1986, p. 234-245.

(65) Vide o prólogo da obra de FRAY ANTONIO DE GUEVARA, *Una década de Césares*. Edição e introdução de J. R. JONES, Chapel Hill, 1966. Sobre a literatura paremiológica e apotegmática em Espanha, vide MAXIME CHEVALIER, 'Proverbes, contes folkloriques et historiettes dans les oeuvres des humanistes espagnols parémiologues', in *L'Humanisme dans les lettres espagnoles* (XIX^e Colloque International d'Études Humanistes, Tours, 5-17 Juillet 1976). Études réunis et présentées par AGUSTIN REDONDO, Paris, 1979, p. 105-118; ALBERTO BLECUA, 'La littérature apotegmatique en Espagne', *ibidem*, p. 119-132.

pela profundidade e doutrina de sabor moralizante, tornava *genus uehemens*, segundo a terminologia do *De doctrina christiana* de Santo Agostinho⁽⁶⁶⁾.

Também prosadores portugueses, da dimensão de um Frei Heitor Pinto, fizeram das suas obras um verdadeiro mosaico de citações⁽⁶⁷⁾. Na *Imagem da vida cristã*, as muitas sentenças retiradas dos autores pagãos encontram-se de parceria com as dos Padres da Igreja e da Sagrada Escritura. Apesar da sua preocupação por uma prosa artística, o autor define-se a si próprio como um "tecelão"⁽⁶⁸⁾: "Assi como o tecelão ajũta o fiado de diversas mãos tecido, & de muytos fios urde e tece a sua tea; assi eu ajuntarey a doutrina de diversos autores, & de muytas autoridades farey hũa tea desta pratica".

Esta prática, mais não é do que o manifestar da abundante erudição do autor, que visa sobretudo fins didáticos. A obra impressa, com todo o seu prestígio, tinha vindo substituir no Renascimento a arte da memória, a que Simónides de Céos⁽⁶⁹⁾ dera o primeiro impulso e, numa aliança perfeita do *utile dulci* horaciano, imprimia ao humanismo nascente a sua feição pedagógica e cívica.

Assim se compreende o interesse que a literatura de sentenças, de tradição medieval, despertou no humanismo renascentista.

Se, nos autores medievais, as citações recolhidas nos autores antigos serviam para enroupar o próprio discurso e se adaptavam à nova sequência lógica, num certo desrespeito pelo texto do autor original, a técnica de utilização das fontes, nas obras humanistas, valorizava, do ponto de vista retórico, o texto da autoridade citada, que funcionava como entidade argumentativa e estilística e era ilustrativa, por excelência,

(66) Cf. em especial o livro IV, cap. 24. Foi grande a importância desta obra na definição da arte da palavra, no Humanismo Renascentista (MARC FUMAROLI cit., p. 74 e sqq.) e de modo especial em Erasmo: CHARLES BENÉ, *Érasme et Saint Augustin ou influence de Saint Augustin sur l'Humanisme d'Érasme*. Travaux d'Humanisme et Renaissance - CIII, Genève, 1969.

(67) Sobre a intertextualidade em Frei Heitor Pinto, vide J. ALVES OSÓRIO, 'Frei Heitor Pinto, leitor da *Menina e moça*', *Biblos (Homenagem a Victor Matos e Sá)* 53 (1977) 459-500.

(68) Apesar de antiga, utilizámos esta edição por ser a mais cuidada, *Imagem da Vida Christã, ordenada per dialogos como membros de sua composiçã. Compostos per Frey Hector Pinto, frade ieronimo*. Nova edição, III vol., Lisboa, Na Typographia Rollandiana, 1843: II, p. 285.

(69) O poeta grego do século VI a.C., Simónides de Ceos, a quem se deve a definição de tão grande fortuna, "a pintura é poesia muda, a poesia imagem que fala", é também a mais antiga fonte que se conhece relativamente à prática de uma arte da memória. Vide sobre o assunto F. A. YATES, *L'art de la mémoire*, trad. de l'anglais par Daniel Arasse, Paris, 1975; MICHÈLE SIMONDON, *La mémoire et l'oubli dans la pensée grecque jusqu'à la fin du V^e siècle avant J.-C.*, Paris, 1982, em especial p. 181-190.

da *aemulatio* e *imitatio* humanistas. O autor humanista utilizava mesmo estilemas, reminiscências verbais e, numa espécie de sincretismo, com um hábil trabalho de *intarsio*, que era entalhe e transformação, chegava a novas *iuncturae*, reveladoras da sua bagagem cultural e da sua originalidade⁽⁷⁰⁾.

À margem do processo criativo, mas com ele intimamente relacionados, os livros de sentenças surgem como textos canónicos, emblemáticos, repositórios de um *immobile continuum*, identificado com a verdade, a tradição e os valores universais, que a arte da palavra, numa adequação perfeita da *res* e dos *uerba*, põe ao serviço da retórica da persuasão⁽⁷¹⁾.

Esta complementaridade do ideal enciclopédico e do ideal retórico, que a literatura de carácter sentencioso harmoniza, aponta no sentido de uma concepção aristocrática de cultura, a que as cortes europeias da época davam resposta – a começar pelas italianas, por vezes centros de famosas academias.

É assim que a par da literatura gnómica de carácter erudito, repositórios sistemáticos do saber da Antiguidade, surge uma produção de cariz palaciano e cortesanesco, menos séria e dogmática, que lança mão dos *salse dicta*, do *iocandi genus*, segundo a designação de Cícero (*Off.* 1,29), e vai de encontro ao ideal do *homo urbanus et facetus* do Renascimento.

Na tradição das *Anedotas memoráveis* de Valério Máximo⁽⁷²⁾, das obras de

(70) Vide GIACOMO FERRAU, 'L' elegia *In violas* di Angelo Poliziano', in *I classici nel Medioevo e nell' Umanesimo. Miscellanea filologica*, Genova, 1975, p. 134 - 135; GRÁCIELA REYES, *Polifonia textual. La citación en el relato literario*, Madrid, 1984, e. g. p. 43.

(71) Sobre a retórica da persuasão na literatura humanista, veja-se C. VASOLI, *La dialettica e la rettorica nell'Umanesimo. "Invenzione" e "metodo" nella cultura del XV e XVI secolo*, Milano, 1968; T. CAVE, op. cit., maxime p.164 e sqq.; F. RIGOLOTT, *Le texte de la Renaissance. Des rhétoriciens à Montaigne*, Genève, 1982, em especial, "Parémiologie: poétique de la sentence et du proverbe", p. 12 e sqq..

(72) A obra histórica de Valério Máximo esteve na base de uma tradução francesa de *Anedotas memoráveis*, iniciada por Simon de Hesdin e concluída, em 1401, por Nicolas de Gonesse. Em catalão, surge a tradução de Antoni Canals, nos princípios do séc. XV, e em castelhano, com base na francesa, além de uma tradução anónima de 1466, a de Ugo de Urries de 1467 ou 1477. Foi também baseado na obra do historiador latino do período imperial que o humanista Marcus Antonius Coccius Sabellicus compôs os seus *Exemplorum libri decem*, Paris, 1508. Sobre a tradição de Valério Máximo em França e suas relações com a Itália e a Espanha, vide G. DI STEFANO, 'Tradizione esegetica e traduzioni di Valerio Massimo nel primo umanesimo francese', *Studi francesi* 21 (1963) 401-417. Entre nós, os exemplos de Valério Máximo estão amplamente representados nas obras dos Príncipes de Avis, desde o *Livro da Virtuosa benfeitoria*, que, a aceitar-se a data provável da sua composição entre 1418 e 1425, é anterior ao *Livro da Montaria* e ao *Leal Conselheiro*. Tais ocorrências não são de estranhar, se tivermos em conta que este autor era conhecido na

Plutarco, em especial as *Vidas Paralelas*, do livro de Diógenes Laércio, o nascente humanismo italiano deu um novo impulso a este género literário, em que o *docere* se punha ao serviço do *delectare*, da *festiuitas* da *iucunditas* literária, com obras como as de Boccaccio e o *Liber facetiarum* de Poggio Bracciolini.

Se Boccaccio, polígrafo erudito, é o conhecido autor de histórias exemplares, como o *De casibus illustrium uirorum* e o *De mulieribus claris*, mananciais de *exempla* e ilustrações de alegorias morais, e de um tratado *De genealogia deorum*, considerado já a *magna charta* da nova dignidade universal conquistada pelas letras – cuja recepção entre nós, no que se refere às origens da poesia como criação dos deuses se pode encontrar no debate poético da *Écloga Alejo* de Sá de Miranda⁽⁷³⁾ –, é sobretudo Boccaccio contista que se impõe como inovador. A justificar o êxito das suas novelas, está a dimensão axiológica da narrativa, em que concorrem registos e mundos epistémicos diferentes e o romanesco e o divertimento se misturam com a máxima, que é erudição e ensinamento moral, tão ao gosto da sensibilidade humanista⁽⁷⁴⁾.

Idêntica resposta a este horizonte de expectativas, e numa atitude verdadeiramente divulgadora, que António Prieto qualifica de "democratizadora" do saber humanista, é dada pelo *Liber facetiarum* de Poggio, que teve a maior influência nas literaturas em vulgar⁽⁷⁵⁾.

O sentido da *urbanitas* que as *humaniores litterae* conferem, também entre

Corte de Avis: a relação dos livros da biblioteca do rei D. Duarte incluía um "Valerio maximo em latym" e um "Valerio maximo em aragoes".

- (73) J. ALVES OSÓRIO, 'Entre a tradição e a inovação. Sá de Miranda na esteira de Garcilaso: em torno do debate poético da *Écloga "Alejo"*', *Revista da Faculdade de Letras do Porto - Línguas e Literaturas*, II série, vol. I, 1985, p. 61.
- (74) Vide GIUSEPPE CHIECCHI, 'Sentenze e proverbi nel *Decameron*', in *Studi sul Boccaccio*, IX, Firenze, 1975-1976, p. 119-168.
- (75) ANTONIO PRIETO op. cit., cap I: "El uir doctus et facetus", p.17 e sqq. Toda uma teoria do riso e da linguagem como instrumento lúdico, da *festiuitas* humanista, com precedentes em Aristóteles (*Poet.* 1149a), Cícero (*De orat.* 2.54-71) e no *De risu* de Quintiliano (*Inst. orat.*, 6.3) encontra eco no *De sermone* de Pontano, nos comentários à *Poética* do Estagirita de Vincenzo Maggi e Castelvetro e ainda em *Il cortegiano*, na carta-proémio a D. Miguel da Silva e no primeiro e segundo livros. Esta atenção concedida à facecia subentende uma reflexão metaliterária sobre a potencialidade do género e reflecte a concepção hedonística da arte própria do Renascimento. Vide G. FOLENA, 'Umori del Poliziano nei "Detti piacevoli"', in *L'Approdo*, 3.2 (1954) 24-30; C. SEGRE, 'Edonismo linguistico del Cinquecento' in *Lingua, stile e società*, Milano, 1963, p. 355-382; E. MUSACCHIO – S. CORDESCHI, *Il riso nelle poetiche rinascimentali*, Bologna, 1985; C. FORNO, 'La "Catena de'... parlari". I dialoghi in volgare sul volgare' in *Studi Latini e Italiani*, 5 (1991) 95-167, em especial o capítulo intitulado "Il "parlare piacevole": la teoria delle facezie nei dialoghi dal Castiglione al Tomitano", p. 157 e sqq.

nós é posto ao serviço dos anseios cortesanescos de grande número de letrados e de membros da fidalguia. O jogo de forças políticas no interior do estado e sua implicação com o ideal cortesanesco, vivido por mais de um século na sociedade portuguesa, está na base das críticas de um tratadista como D. Jerónimo Osório, das reflexões de André de Resende em *De uita aulica* e de João de Barros em *Ropica Pnefma*, ou da sátira literária, em obras como a comédia *Aulegrafia* de Jorge Ferreira de Vasconcelos ou ainda, já no século XVII, a *Corte na aldeia* de Rodrigues Lobo e o *Auto do fidalgo aprendiz* de D. Francisco Manuel de Melo.

A corte, sentida como meio ideal para a realização das virtudes humanas, a que deu viva voz Garcia de Resende, no "Prólogo" ao *Cancioneiro Geral*, publicado em 1516, requer "cavalleros blandos i enseñados", no dizer de Sá de Miranda, e é a ilustração viva dos ideais proclamados por *Il cortegiano*, que Boscán depressa divulgará em língua castelhana⁽⁷⁶⁾.

É nesta contextualização que vão ter lugar expressões literárias, transmitidas até nós em manuscritos, os *Ditos e sentenças de Quinhentistas portugueses*, que são documentos realistas do ambiente da nossa corte, no final do século XV e ao longo do século XVI, reveladores de pormenores históricos da vida de algumas figuras, que nela se destacaram⁽⁷⁷⁾.

Apesar do gosto pela anedota romanesca, psicológica e moral, de carácter sentencioso, que se manifesta por exemplo no apreço em que, na época, é tida a obra de Luciano, A. Costa Ramalho, profundo conhecedor da história e da cultura portuguesas desta época, está em "aceitar a veracidade ou, pelo menos, a verosimilhança de grande parte dos ditos e sentenças"⁽⁷⁸⁾.

A provar ainda a importância entre nós das narrativas e contos em que os *exempla*, inseridos num conjunto mais vasto, divertem e ensinam, está a obra de

(76) Veja-se a dedicatória do *Epitalâmio pastoril a António de Sá no casamento de sua filha*, in *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*. Edição feita sobre cinco manuscritos ineditos e todas as edições impressas, acompanhada de um estudo sobre o Poeta, variantes, notas, glossário e um retrato por CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELOS, Halle, 1885, p. 501, onde se encontra o passo citado; vide ainda, a este propósito, a carta de António Pereira Marramaque a Diogo de Castro, referida por EUGENIO ASENSIO, *Estudios portugueses*, Paris, 1974, p. 168 e a análise de J. ALVES OSÓRIO art. cit. p. 48-52.

(77) Sobre o texto e o assunto, vide AMÉRICO DA COSTA RAMALHO, 'Ditos e sentenças de Quinhentistas portugueses', *Humanitas* 29-30 (1977-1978) 1-19, reeditado em *Estudos sobre o século XVI* cit. p. 321-340; 'Dois ditos portugueses' in *Estudos portugueses (Homenagem a Luciana Stegagno Picchio)*, Lisboa, 1991, p. 629-632.

(78) Cf. IDEM, 'Ditos e sentenças de Quinhentistas portugueses' cit.

Gonçalo Fernandes Trancoso, *Contos e histórias de proveito e exemplo*⁽⁷⁹⁾. Na linha de Boccaccio, tão apreciado também como modelo da prosa narrativa espanhola da época, serve-se amplamente da sentença de raiz clássica, que combina com o provérbio de origem popular⁽⁸⁰⁾.

Ao Primeiro Conde de Vimioso, personalidade íntegra, que deu lições de isenção e probidade política exemplares, se deve uma colectânea de *Sentenças*, que só viria a ser publicada no início do século XVII⁽⁸¹⁾. Nela recolhe um conjunto de preceitos de filosofia prática, verdadeiro receituário de bem viver, em que não oculta o seu distanciamento afectivo em relação à vida da corte e um certo pessimismo e indiferença perante a falta de estímulo ao mérito.

Sendo esta obra "dirigida à nobreza deste Reyno", expressões como "neste tempo ou todos são maus ou se diz mal de todos os bons"⁽⁸²⁾ não têm outro alcance que não seja o de outras bem semelhantes, proferidas por Camões, que lamentava "aquela austera, apagada e vil tristeza".

Poderemos afirmar, em conclusão, que esta obra difere de todas as outras deste género, elaboradas em Portugal, não só no que se refere ao destinatário, mas também pela finalidade imediata, que transborda os limites da pedagogia e penetra no terreno da páreese, que é exortação moral e conselho avisado e crítico da envolvente realidade quotidiana.

Foi também o sentido do poder persuasivo da *sententia* que levou Lourenço de Cáceres a utilizá-la na *Carta consolatoria a João Roiz de Saa pella morte de su molher*: Mais do que uma missiva privada, dirigida ao poeta do *Cancioneiro Geral*,

(79) GONÇALO MENDES TRANCOSO, *Contos & histórias de proveito e exemplo*. Edição facsimilada da impressão de 1575, Lisboa, 1982. Na introdução a esta obra, João Palma-Ferreira afirma que a 1ª edição, que deve ser datada de 1571, provavelmente só incluiria os contos da primeira parte. As segunda e terceira partes foram impressas em edições de 1576 e 1579, respectivamente.

(80) A inspiração da obra de Trancoso no *Decameron* de Boccaccio não passou despercebida, desde finais do século passado, aos críticos literários, como Teófilo Braga, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, José Leite de Vasconcelos, quer defendessem uma influência directa ou filtrada através da pena do espanhol Timoneda. Equaciona esta problemática e conclui que Trancoso não foi um imitador cego, mas antes um excelente criador, o estudo de MANUEL FERRO, 'Aspectos da recepção do *Decameron* nos *Contos e histórias* de Trancoso' in *Estudos Italianos em Portugal*, 51-52-53 (1988/89/90) 179-206.

(81) *Sentenças de Dom Francisco de Portugal, Primeiro Conde do Vimioso, dirigidas à nobreza portuguesa deste Reyno*. Impr. Jorge Rodrigues, 1605. Ed. MENDES DOS REMÉDIOS, Coimbra, 1905.

(82) *Ibidem*, p. 26.

admirador de Ovídio, e erudito autor do *De Platano*⁽⁸³⁾, este texto é um documento literário. Com ele se introduz na literatura portuguesa a dissertação filosófica, em forma de carta, que tem por modelo as *Epistulae ad Lucilium* de Séneca e vai conhecer grande voga entre os humanistas, desde Petrarca. Datada muito provavelmente da primeira metade de 1522, a *Carta consolatoria* consta de um conjunto de conselhos, retirados dos escritores da antiguidade, do Evangelho e da história contemporânea, destinados a temperar a dor com a razão e a sabedoria⁽⁸⁴⁾.

O gosto pelo dito sentencioso, pela *breuitas* aforística, que iria exacerbar-se no conceptualismo barroco, leva à afirmação, no século XVI, do género epigramático, documentado na medalhística e no emblema, por vezes mera ilustração alegórica do epigrama⁽⁸⁵⁾.

Significativa é a coincidência de ter cabido a Boccaccio, o amigo de Petrarca, e como ele apaixonado pelos escritos da Antiguidade, o mérito de ter posto em circulação os epigramas de Marcial, verdadeiro modelo desta forma literária⁽⁸⁶⁾.

O género epigramático, que conheceu teorizadores no século XVI, como entre nós Tomé Correia⁽⁸⁷⁾, foi caro aos nossos humanistas, que o cultivaram desde Cataldo, Aires Barbosa e Lourenço de Cáceres, com a veia mordaz do poeta latino⁽⁸⁸⁾.

(83) João Rodrigues de Sá de Meneses, considerado uma das figuras mais significativas do nosso século XVI, tem merecido ser objecto de estudo em vários dos trabalhos de A. Costa Ramalho. Para se fazer uma ideia, por exemplo, do *Liber de Platano*, vide c. g. *Estudos sobre o século XVI* cit. p. 53-75 e os trechos apresentados com tradução em *Latim Renascentista em Portugal (antologia)* cit. p. 118-135.

(84) Sobre este texto, contido no *Codex Alcobacensis 297*, vide EUGENIO ASENSIO, *Estudios portugueses* cit., p. 169-171.

(85) Conhece grande divulgação no séc. XVI a *Antologia Palatina*, recolha de epigramas de várias épocas, feita por Máximo Planudes (1255-1305), sobretudo a partir da edição de 1494 de Janus Lascaris e das sucessivas impressões de Aldo Manúcio, em Veneza (1503, 1521 e 1551), a que outras se sucederam na Europa. Alciato, nos seus *Emblemata*, utilizou epigramas da *Antologia grega*, em tradução latina, além de conceitos e expressões sapienciais e normativos, retirados sobretudo do direito, dos autores clássicos e Patrísticos e da Sagrada Escritura.

(86) Vide VITTORE BRANCA, 'Motivi preumanistici nell'opera del Boccaccio', in *Pensée Humaniste* cit., p. 72.

(87) A Tomé Correia se deve um tratado consagrado ao epigrama, *De toto eo Poematis genere, quod Epigramma vulgo dicitur, et de iis, quae ad illud pertinent Libellus*. Venetiis, Ex Officina Francisci Ziletti, 1569. Vide ainda PIERRE LAURENS, 'Du modèle idéal au modèle opératoire: la théorie épigrammatique aux XVI^{ème} et XVII^{ème} siècles', in *La modèle à la Renaissance*. Ed. JEAN LAFOND, Paris, 1986.

(88) Aos epigramas de Cataldo se refere a cada passo A. COSTA RAMALHO, nos seus estudos: e. g. "O epigrama 'Ad Cavalerium' de Cataldo Sículo", in *Para a História do humanismo em Portugal*, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1988, p. 7-13; vide ainda AIRES BARBOSA, *Antimoria. Eiusdem nonnulla Epigrammata*, [...] Conimbricae, Apud

Também os *Emblemata* do jurista italiano André Alciato, editados pela primeira vez em 1531, conheceram inúmeras edições e foram traduzidos e imitados em todos os pontos da Europa culta, tornando-se um verdadeiro "best-seller" editorial⁽⁸⁹⁾. Estes emblemas são o resultado das reflexões do seu autor sobre a teoria da linguagem, feitas a partir da análise dos textos jurídicos, e revelam a curiosidade despertada nesta época pelos hieróglifos egípcios e sua significação natural⁽⁹⁰⁾.

Tal como Erasmo nos *Adagia*, que coloca o provérbio sob o signo da metáfora e da alegoria, Alciato, no seu *Tractatus de praesumptionibus*, baseado sobretudo nos *Tópicos* de Aristóteles e de Cícero e na *Retórica* de Hermógenes, refere a necessidade de usar figuras de retórica na linguagem jurídica, tal como na literária, e inclui entre elas o emblema, a que reconhece potencialidades significativas⁽⁹¹⁾.

A originalidade do género emblemático, de que Alciato foi o criador, não passou despercebida na cultura e na literatura portuguesas⁽⁹²⁾, onde numa espécie de "tradução intersemiótica", em sentido inverso⁽⁹³⁾, se encontra a sua influência na

Coenobium Diuae Crucis. M. D. XXXVI; *Antimoria (Contra a loucura) seguido de alguns epigramas*. Tradução de José Pereira Tavares. Notas bibliográficas de A. Gomes da Rocha Madahil. Separata de *Arquivo do Distrito de Aveiro* 26.101(1960) 9-82; sobre LOURENÇO DE CÁCERES e o seu *Epigrammaton libellus*, publicado provavelmente em Salamanca em 1518, cf. o estudo de EUGENIO ASENSIO, 'Lourenço de Cáceres o el latín al servicio del Portugués', *Boletim internacional de bibliografía luso-brasileira*, 2 (1961) 242-275, que contém a reprodução desta obra em fac-símile (p.253-275).

(89) Vide e. g. GIUSEPPINA LEDDA, *Contributo allo studio della letteratura emblematica in Spagna (1549-1613)*, Pisa, 1970; DANIEL S. RUSSELL, *The emblem and device in France*, Lexington, 1985.

(90) Em 1505, Aldo Manúcio publica em Veneza os *Hieroglyphica Horapollis*, obra escrita entre os séculos II e IV d.C., mas acolhida pelos humanistas como pertença da antiga civilização egípcia. Sobre a enorme recepção e influência desta obra, vide e. g. CLAUDE-FRANÇOISE BRUNON, 'Signe, figure, langage: les *Hieroglyphica* d'Horapollon', in *L'emblème à la Renaissance*. Actes de la journée d'Études du 10 Mai 1980, publiés par YVES-GIRAUD et ALII, Paris, 1982, p. 29-47.

(91) Vide DENIS L. DRYSDALL, 'Alciat et le modèle de l'emblème', in *Le modèle à la Renaissance* cit., p. 167-181.

(92) Vide JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, "*Emblemas*" de Alciato explicados em português. *Manuscritos do séc. XVI-XVII ora trazidos a lume*, Porto, Renascença Portuguesa, 1917. Nesta obra, o filólogo português reproduz a edição dos *Emblemata* (Paris, Wechel, 1540), acompanhada de tradução francesa. O manuseio e vulgarização desta obra estavam documentados nas traduções portuguesas "de cinco mãos diferentes", que figuravam manuscritas, a par da francesa.

Sobre a influência dos *Emblemata* de Alciato, em Portugal, desde o séc. XVI ao séc. XVIII, o estudo mais completo é o de M. H. DE TEVES COSTA UREÑA PRIETO, que serve de introdução à obra de FRANCISCO ANTÓNIO DE NOVAES CAMPOS, *Príncipe perfeito. Emblemas de D. João de Solórzano*. Edição fac-similada do manuscrito da Biblioteca do Rio de Janeiro, oferecido ao Príncipe D. João em 1790, Lisboa, 1985.

(93) O criador da expressão "tradução intersemiótica" foi Roman Jakobson, para designar a

obra de Camões. É bem provável que o nosso poeta, que soube captar no génio da sua pena todos os pormenores e aspectos curiosos da vida intelectual e do saber do seu tempo, tenha conhecido e aproveitado elementos da sugestiva colectânea, que combinava a palavra e a imagem⁽⁹⁴⁾.

Em 1552, a pedido de Dom João de Meneses Sottomayor, Senhor de Cantanhede, o humanista de origem germânica Sebastião Stochamer redigiu uns "sucintos comentários" ao Livro I dos *Emblemas* de Alciato, que foram incluídos em edições de 1556 e 1614.

O entusiasmo que o fidalgo revela por este livrinho que, como Alexandre a Homero, não abandona nem em viagem, nem em campanhas militares⁽⁹⁵⁾, é revelador da recepção que os *Emblemas* tiveram, não já no meio dos letrados, mas também entre a nobreza, os homens de armas, a quem a cultura humanística se oferecia, numa espécie de banda-desenhada "avant-la-lettre", em manual pedagógico.

As potencialidades didácticas destas obras na transmissão do saber e na sua motivada memorização levaram os jesuítas a utilizar o género emblemático no seu ensino, de que resultou a elaboração de novas colectâneas⁽⁹⁶⁾.

adaptação de um texto escrito à criação artística - por exemplo à pintura, à arte cinematográfica -, de acordo com os novos códigos e linguagens. Cf. ROMAN JAKOBSON, 'On linguist aspects of translation' in *On translation*, ed. REUBEN A. BROWER, New York, 1966, p. 232-239: "Intersemiotic translation or *transmutation* is an interpretation of verbal signs by means of signs of nonverbal sign systems" (p. 233).

Sobre o conceito de "tradução intersemiótica" como imagem emblemática da actividade do tradutor, vide RENATO CORREIA, "O que faz o tradutor? Ensaio de tradução intersemiótica", conferência proferida na Faculdade de Letras de Coimbra, em 23/05/91 (a publicar).

Nesta acepção, o próprio emblema é um exemplo de "tradução intersemiótica", bem como as conhecidas tapeçarias flamengas do Renascimento, inspiradas em motivos e *exempla* literários. Vide GUY DELMARCEL, 'Présence de Boccaccio dans la tapisserie flamande des XV^e et XVI^e siècles', in *Boccaccio in Europe. Proceedings of the Boccaccio Conference*, Louvain, December 1975. Ed. by GILBERT TOURNOY, Leuven, 1977, p. 67-90.

(94) Sobre este assunto, veja-se JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, *ibidem*.

(95) Cf. o prefácio de Stochamer na edição de 1614: *Emblemata libri duo aucti et restituti, cum succintis commentariolis*, apud Ioan. Tornaesium, 1614 (B.N.L.- cota : S.A.455P).

(96) Vide e. g. a colectânea elaborada por autores do séc. XVI, *Andreae Alciati Emblemata cum commentariis Claudii Minois I.C. Francisci Sanctii Brocensis, et notis Laurentii Pignorii Patauini (...), opera et vigiliis Ioannis Thullii Mariaemontani Tirol.(...) Accesserunt in fine Federici Morelli professoris Regii Corollaria et Monita, ad eadem Emblemata, cum indice triplici*. Patavii, apud Petrum Paulum Tozzium, sub signo SS. Nominis IESV, 1621.

Sobre a importância dos emblemas na pedagogia dos colégios jesuítas, vide R.J. CLEMENTS, *Picta poesis. Literary and humanistic theory in Renaissance emblem books*, Roma, 1960, p. 60 e sqq.. Cf. ainda, a propósito do amplo movimento educativo no séc. XVII, JOSÉ-ANTÓNIO MARAVALL, 'La literatura de emblemas como técnica de acción sociocultural en el Barroco' in *Estudios de historia del pensamiento español (serie tercera - El siglo del Barroco)*, Madrid, 1984, p. 197-222.

A polissemia contida na linguagem figurativa, acompanhada de legenda epigramática, confina por vezes com o enigma, que ia de encontro à sensibilidade humanista, voltada para o hermetismo e o sentido rebuscado e obscuro das coisas. Aliás a subtilidade e argúcia necessárias ao seu perfeito entendimento conferiam um toque *aliquid elegans* à composição, pelo que se chegou a exagerar esta componente.

O estímulo ao espírito crítico, à ginástica mental e a fuga ao vulgar, que a literatura de *Rebus*, de *centões*, de acrósticos e anagramas testemunha⁽⁹⁷⁾, conduz, por outro lado, ao cultivo do paradoxo⁽⁹⁸⁾, por vezes verdadeiras *declamationes*. Estão neste caso os *Paradossi* de Ortensio Landi⁽⁹⁹⁾ – a que o próprio autor dá uma *Confutatione del libro de Paradossi* –, que conhecem grande voga, sobretudo a partir da tradução de Charles Estienne⁽¹⁰⁰⁾.

Paradoxos literários podem ser considerados o *Momus seu de principe* de Leon Battista Alberti, o *Spaccio della bestia trionfante* de Giodano Bruno, a *Nave dos loucos* de Sebastian Brant, a *Utopia* de Tomás Moro e o *Elogio da loucura* de Erasmo, que são um franco convite ao aprofundamento da consciência crítica. Não tendo a pretensão de convencer, mas apenas de fazer reflectir sobre as realidades sócio-políticas e espirituais de uma época, estas obras demonstram que o mundo antigo e o mundo moderno ou recém-descoberto se continuavam na essência do humano,

- (97) Com raízes na tradição mágico-hermética medieval e no interesse despertado, no Renascimento, pelo hermetismo, a cabala, a doutrina pitagórica dos números, este tipo de escritos encontra-se, por exemplo, em França, nos séculos XV e XVI e, em Portugal, sobretudo ao longo dos séculos XVII e XVIII. Vide *Rébus de la Renaissance: des images qui parlent*, Ed. JEAN CÉARD ET JEAN-CLAUDE MARGOLIN, II, Paris, 1986; ANA HATHERLY, *A experiência do prodígio. Bases teóricas e antologia de textos-visuais portugueses dos séculos XVII e XVIII*, Lisboa, 1983.
- (98) A documentar este gosto pelo paradoxo, no nosso século XVI, está a tradução portuguesa que Duarte de Resende, amigo e parente de João de Barros, faz dos *Paradoxa Stoicorum* de Cícero, além da do *De amicitia* e do *Somnium Scipionis: Marco túlio cicerom de Amicitia, paradoxas & sonho de Scipião. tirado em lingoage portuguesa per Duarte de Resende de caualeyro fidalgo da cassa del rey nosso senhor*, Coimbra, Germão Galharde, 1531. Sobre o cultivo do paradoxo, nas literaturas europeias, ao longo do Renascimento, vide *Le paradoxe au temps de la Renaissance*. Dir. M. T. JONES-DAVIES. Centre de Recherches sur la Renaissance (Univ. Paris-Sorbonne), Paris, 1982.
- (99) ORTENSIO LANDI, *Paradossi, cioè sententie fuori del comune parere novellamente venute in luce*...Lyon, Pullondatrin, 1543. Sobre o humanista Hortensius Landus (Mediolanensis), vide M.E. COSENZA, *Biographical and bibliographical dictionary of the Italian Humanists and of the world of Classical Scholarship in Italy, 1300-1800*, vol.3, Massachusetts, 1962, p. 1919-1920.
- (100) *Paradoxes ou sentences débatues, et élégamment déduites contre la commune opinion, traité non moins plein de doctrine que de récréation pour toutes gens, reveu et augmenté*, Lyon, par Jean Temporal, 1559 (no cólofon: Lyon, par Nicolas Perrineau, 1561).

traduzida nos mesmos anseios e valores. A sabedoria lapidar da Antiguidade era ainda *uox uniuersalis* para o homem actual.

Ao considerarmos estas obras de reputados humanistas, não poderemos deixar de reflectir sobre a influência que a tradição retórica clássica, ou nela inspirada, exerceu não só a nível da arte da palavra, mas ainda nos esquemas lógicos, valores, temas, motivos e métodos, desenvolvidos por literatos, pensadores, teólogos e moralistas, determinantes na orientação cívica, ético-social e política de todo este período.

A atitude do pensamento português durante o século XVI, no que toca à meditação filosófica⁽¹⁰¹⁾ ou às formas de juízo, que se manifesta pela preponderância de "um espírito essencialmente valorativo e polémico para defesa de uma certa interpretação do dever-ser", exprime bem essa incidência de cariz retórico⁽¹⁰²⁾.

Uma análise rigorosa da actividade tipográfica, feita em termos estatísticos, dá a primazia à impressão de obras de tipo de juízo normativo e regulamentar, em que por vezes o debate lógico e a riqueza dialéctica se manifestam. Assim se pode concluir que "das observações da prática se não extraiu qualquer proposta científica, mas, pelo contrário, derivou para esse domínio, um reaparecimento de fórmulas abstractas, já conhecidas"⁽¹⁰³⁾.

Incluem-se neste núcleo temático as obras de observação psicológica, como "os guias de confissão", por vezes de profunda agudeza analítica⁽¹⁰⁴⁾, as recolhas de sentenças e ditos proveitosos, género bem representado entre nós.

Efectivamente, a literatura de carácter gnómico, sob a apresentação de colectânea – que, no Portugal de Quinhentos, cativou pedagogos, poetas, comerciantes e

(101) Vide JOAQUIM DE CARVALHO, *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XVI*, I, Coimbra, 1947, p. 2-3.

(102) J. BORGES DE MACEDO 'Livros impressos em Portugal no século XVI', *Arquivos do Centro Cultural Português* (Homenagem a Marcel Bataillon), vol. IX, Paris, 1975, p. 214. A análise estatística, desenvolvida neste estudo, vem confirmar as reflexões feitas por Joaquim de Carvalho.

(103) *Ibidem*, p.215.

(104) Vide e. g. *Ditos da freyra. Ditos diversos feytos por hũa freyra da terceyra regra. Nos quaes se cõtẽ sentenças muy notaveys, e avisos necessarios*, Évora, 1555, obra atribuída a D. Joana da Gama; *Libro muy prouechoso para todo fiel christiano el qual mádo traduzir la muy poderosa y christianissima señora Leonor Reyna de Frãcia*, Lisboa, Luís Rodrigues, 1544; FR. ANTÓNIO DE BEJA, *Memorial de pecados* [...] *Noua arte de confissam* [...] Lisboa, Germão Galharde, 1529; *Manual de confessores & penitentes* [...] *Cõposto antes por hũ religioso da ordem de S. Francisco* [...] *E visto & em algũs passos declarado polo muy famoso Doutor Martim de Azpilcueta* [...] Coimbra, João Barreira e João Álvares, 1552.

teólogos –, remonta entre nós aos apotegmas traduzidos por S. Martinho de Dume, o nosso S. Martinho de Braga, *Sententiae Patrum Aegyptiorum*, que se integram na tradição apotegmática da Patrística⁽¹⁰⁵⁾.

Cabe no entanto aos *Disticha Catonis*, que têm como presumível autor Dionísio Catão do séc. II d. C.⁽¹⁰⁶⁾, o mérito de terem servido no ensino das universidades medievais e continuarem a merecer o interesse dos humanistas⁽¹⁰⁷⁾. Conhecido e citado por D. Duarte no *Leal conselheiro*⁽¹⁰⁸⁾, é editado por Erasmo e reimpresso muitas vezes em edições colectivas, que reúnem, com fins didácticos, o nome de Dionísio Catão, Rodolfo Agrícola e Erasmo⁽¹⁰⁹⁾. Em Lisboa, dos prelos de Germão Galharde, sai em 1521 uma tradução desta obra, intitulada *Castigos e Exemplos de Catom*, reveladora do papel que lhe era atribuído na formação retórica e moral da nossa juventude.

Também Cataldo Parísio Sículo, o humanista italiano que D. João II convidara para educador de D. Jorge, seu filho bastardo, dedicara ao príncipe herdeiro D. Afonso uma colecção de *Prouerbia*, incluídos no vol. I das *Epístolas*, impresso em Lisboa em 1500⁽¹¹⁰⁾.

Ao poeta eborense Diogo Pires, que canta no exílio as saudades da pátria, com o verso fácil e elegante da sua musa inspirada, se deve uma colectânea de sentenças, que dedica aos mestres da Universidade de Lisboa. À sua obra, de intenções pedagógicas, dá o título sugestivo de *Cato Minor siue Dysticha Moralia*. O título *Cato Minor* é como que o contraponto de *Cato Maior*, ou *De senectute*, dado que é

(105) Vide JOSÉ GERALDES FREIRE, 'A versão latina por Pascácio de Dume dos "Apothegmata patrum" *Humanitas*, 21-22 (1969-1970), em especial p. 1-38. Sobre o apotegma na literatura cristã, como género literário, sua importância, fontes e projecção na época moderna, veja-se do mesmo autor *Commonitiones Sanctorum Patrum*, Coimbra, 1974, p. 47; 132 e passim.

(106) MARCUS BOAS, *Disticha Catonis*. Recensuit et apparatus critico instruxit: Amstelodamus, 1952.

(107) Vide *Livro Verde da Universidade de Coimbra*, ed. A. G. DA ROCHA MADAHIL, Coimbra, 1940, p. 49; MÁRIO MARTINS, *Estudos de cultura medieval*, Lisboa, 1969, cap. IV: 'Os "Dísticos de Catão" na base da formação universitária', p. 51-63; Nas escolas humanistas, surge por exemplo na *ratio studiorum* da Schola Aquitanica, *nonus ordo*, ed. cit., p. 18.

(108) D. DUARTE, *Leal conselheiro*. Edição crítica de JOSEPH M. PIEL, Lisboa, 1942, p. 22 e 70.

(109) Vide a edição conjunta dos *Disticha Catonis*, dos *Mimi Publani (cum scoliis auctis Erasmi Roteradami)*, dos *Apothegmata Graeciae sapientum*, em tradução de Erasmo, do carne deste humanista *Institutum hominis christiani* e da oração *Ad Demonium*, vertida em latim por Rudolfo Agrícola (Basileae, per J. Frobenium, 1520): B.N. Paris - Rés. Z. 933.

(110) Vide CATALDO PARÍSIO SÍCULO, *Epistolae et orationes*, fol. h iij v^o – h V v^o. Edição facsimilada com introdução de AMÉRICO DA COSTA RAMALHO cit.

destinado ao ensino da juventude. Além de evocar o nome do censor romano, autor de uma colectânea de conselhos sentenciosos para a educação do filho, insinua o título do tratado de Cícero, tão admirado pelos humanistas, desde Erasmo. A segunda parte do título, *Dysticha moralia*, mais não é do que a explicitação do conteúdo da obra, a lembrar o título e o teor da mensagem da bem conhecida e divulgada colectânea de Dioniso Catão, que o poeta quis homenagear⁽¹¹¹⁾.

Um seu conterrâneo, André Rodrigues de Évora, compõe também uma colectânea de vulto, cerca de três mil e quatrocentas sentenças, destinada à educação da juventude, aos estudiosos das artes liberais. A *Primera parte de las sentencias...por diversos autores escripta*, veio a lume nos prelos de Germão Galharde em Lisboa, em 1554, com um frontispício enquadrado por uma moldura igual à da primeira edição d'*Os Lusíadas*⁽¹¹²⁾. Datada de 1554, a mesma obra é dada à estampa por João Barreira, em Coimbra⁽¹¹³⁾. O empenho editorial de dois livreiros distintos, que no decurso de um ano fazem sair, em Lisboa e em Coimbra, a mesma obra, é por si revelador do gosto manifestado pela literatura de sentenças.

Logo no prólogo destas edições, que saíram anónimas, com texto latino e tradução em castelhano, o autor afirma que a sua obra se dividirá em duas partes, num conjunto de oito mil sentenças, contendo esta primeira parte "las mas breves y resolutas sentencias". Na segunda parte, prometia incluir "las mas largas y copiosas".

A revelar a complementaridade da mensagem de autores pagãos e cristãos, esta colectânea reunia os ditos exemplares de autores gregos e latinos, de par com os extraídos dos Doutores da Igreja, de autores medievais como Beda, Boécio, Cassiodoro e modernos, como R. Volaterranus, Teodoro Gaza, Erasmo.

As sentenças estão arrumadas por temáticas e seriadas por autor, o que revela um trabalho meticuloso de sistematização. Ao mérito do seu autor se devem as várias edições que se conhecem, saídas dos prelos nacionais e estrangeiros.

Inspirado na obra impressa, há um manuscrito, ricamente decorado, pertença

(111) FLAVII IACOBI EBORENSIS *Cato Minor, siue Disticha moralia ad Ludimagistros Olyssiponensis: Accessere epigrammata ; & alia nonnulla eodem Auctore (...) Venetiis, Apud Felicem Valgrisium, MDXVI. Em 1592, sub signum Leonis*, sai em Veneza uma outra edição.

(112) *Primera parte de las sentencias que hasta nuestros tiempos, para edificacion de buenos costumbres, estan por diuersos Autores, e neste tratado summariamente referidas, en su proprio estilo. Y traducidas en el nuestro comun. Conveniente licion, a toda suerte y estado de gentes*, Lisboa, Germão Galhardo, M.D.LIII - B.N.L. - cota: Res. 2752 - P.

(113) Cf. exemplar da B.N.L. - cota: 4028 P.

da casa Cadaval, com cerca de seiscentas sentenças em latim com tradução portuguesa⁽¹¹⁴⁾, que André Rodrigues de Évora dedicara a D. Sebastião, com poucos meses de idade⁽¹¹⁵⁾.

André Eborense, confundido por vezes com André de Resende⁽¹¹⁶⁾, já que nas duas edições de 1554 e neste manuscrito, que lhes é contemporâneo, não figura o nome do autor – que constará pela primeira vez na edição de Lyon de 1557 –, era um comerciante estabelecido em Lisboa, que estudara em Évora e se dedicara a escrever sentenças nas horas vagas. Teria por certo adquirido este gosto, que mais tarde se tornara verdadeira curiosidade intelectual, nos bancos da escola, onde tal tarefa lhe era requerida. Deixemos falar o autor. No epigrama, que serve de prefácio à obra⁽¹¹⁷⁾, dirige-se ao leitor nestes termos:

*Vt cùm per uirides syluas, saltúsque uagatur,
solerti cura mella recondit apis:
Sic legit hos flores Eborae felicis alumnus
Autorum in campis, lector amice, tibi.*

A documentar a crença no valor do *exemplum* sentencioso, na educação régia, alia-se a Rodrigues de Évora o humanista Diogo de Teive, que compõe para o mesmo

(114) Dedicado ao nosso príncipe, não se justificava a língua castelhana, que usara nas duas edições, com esta justificação: " Aceptose este lenguaje no por mejor mas por mas general, y porque los otros son particularmente de los suyos y este quasi es tan propria a los agenos como a los suyos" (Cf. ed. de Lisboa de 1554, p.338).

(115) *Sentenças de diversos autores pelas quaes amoestão aos príncipes como na paz e na guerra se deve reger, dirigidas ao muito esclarecido Príncipe Dõ Sebastião neto do mui poderoso Rei Dom João Terceiro deste nome nosso Senhor.* Vide a edição em fac-símile do manuscrito inédito da casa Cadaval, com introdução de LUÍS DE MATOS, *Sentenças para a ensinança e doutrina do príncipe D. Sebastião*. Lisboa, 1983.

(116) Vide, a este propósito, A. J. da COSTA PIMPÃO, 'André Eborense e o seu livro de Sentenças e exemplos', in *Escritos diversos*, Coimbra, 1972, p. 387-401; A imprecisão encontra-se ainda em JULIEN EYMARD D' ANGERS, *Recherches sur le stoicisme aux XVI^e et XVII^e siècles*. Ed. par L. ANTOINE, in *Studien und Materialien zur Geschichte der Philosophie*, Band 19, Hildesheim - New York, 1976, p. 11.

(117) Cf. uma das muitas edições desta obra, *SENTENTIAE ET EXEMPLA, Ex probatissimis quibusque scriptoribus collecta, et per locos communes digesta per Andream Eborensem Lusitanum. Et ne oneroso uolumine grauaretur lector, totum opus in duos diuisum est tomos: quorum alter sententias, alter exempla refert. Vierque autem tomus, in hac editione, à multis mendis, quibus scatebat, purgatus est.* Quinta editio. Parisiis, Ex Tippografia Dionisi Binet. M.D.LXXXX. A este *Ad lectorum epigrama*, que abre a obra, segue-se uma *Epistola nuncupatoria* dedicada aos Padres do Colégio de S. Domingos, em Lisboa; Uma *Epistola* dirigida a seu irmão, o Doutor Tomás Rodrigues da Veiga, médico régio e professor em Coimbra, e por fim outra *Epistola* deste seu irmão dirigida ao autor, em que lhe louva a eloquência e o merecimento da sua obra. Sobre a importância destas cartas na identificação de André Eborense, vide A. J. DA COSTA PIMPÃO, art. cit.

príncipe um livro de sentenças. O mestre bordalês, tal como o seu colega Mathurin Cordier⁽¹¹⁸⁾, dá à estampa as suas *Sententiae*, a que se segue a *Institutio Sebastiani Primi*, ambas "traduzidas na vulgar em verso solto" por Francisco de Andrade.

Estas sentenças, dedicadas a D. Sebastião, que contava sete anos de idade, são um manual de moral prática, de sabedoria prudencial, colhida sobretudo na leitura dos clássicos.

Também o célebre dominicano, Frei Luís de Granada, eminente polígrafo e teólogo de reputada fama, se deixa atrair por este género. Atento à lição de Santo Agostinho no *De Doctrina Christiana* e de Erasmo no *Eclesiastes*⁽¹¹⁹⁾ – que aconselham o manuseio e o conhecimento dos autores pagãos, com intuítos retóricos e proseliticos –, na sua *Collectanea philosophiae moralis*⁽¹²⁰⁾ recolhe sobretudo de Séneca e Plutarco, *qui uelut duo moralis philosophiae lumina sunt*⁽¹²¹⁾, sentenças da maior utilidade, não só para a *inuentio* como para a *elocutio* da *ars concionandi*, dos futuros pregadores e orientadores espirituais da comunidade. Ilustrativas, neste particular, são as considerações que tece, a propósito do valor e emprego da *sententia*, do ponto de vista retórico, em *Ecclesiasticae rhetoricae libri sex*, obra editada cinco anos depois⁽¹²²⁾.

(118) A Mathurin Cordier se deve uma tradução dos *Disticha Catonis (Disticha de moribus...cum Latina & Gallica interpretatione*, Paris, Robert Estienne, 1514), provavelmente destinada aos alunos do Colégio da Guiana, bem reveladora do papel que o célebre pedagogo atribui a esta colectânea. É ainda autor, tal como Erasmo e Vives, de *Colloquia*, textos curtos, precedidos quase sempre de um argumento, que integravam o programa do *octauus ordo* da Schola Aquitanica (cf. ed. cit. p. 20) e de um *De corrupti sermonis emendatione libellus*, com a mesma finalidade.

(119) Sobre o papel das *formulae* sentenciosas, por inspiração senequiana, na doutrina e na arte de pregar de Santo Agostinho, vide F. DI CAPUA, *Sentenze e proverbi nella tecnica oratoria e loro influenza sull'arte del periodare*, Napoli, 1947, p. 142-144. Para a influência de Santo Agostinho em Erasmo, cf. CHARLES BÉNÉ cit. Um estudo fundamental sobre Fr. Luís de Granada é o de MARIA IDALINA RESINA RODRIGUES, *Fray Luis de Granada y la literatura de espiritualidad en Portugal (1554-1632)*, Madrid, 1988.

(120) *COLLECTANEA MORALIS PHILOSOPHIAE, IN TRES TOMOS DISTRIBVTA: quorum primus selectissimas sententias ex omnibus Senecae operibus, Secundus ex moralibus opusculis Plutarchi, Tertius clarissimorum principum et philosophorum insigniora apophthegmata, hoc est, dicta memorabilia complectitur. Quae omnia per communes locos digesta sunt, ut studiosus lector quid in quouis argumentii genere sibi commodum fuerit, inuenire facile queat.* COLLECTORE F. LVDOVICO Granateñ. monacho Dominicano. OLISIPONE, Excudebat Franciscus Correa, Sereniss. Cardinalis Iff. Typogra., 1571.

(121) *Ibidem*, f. 3 v.

(122) *Ecclesiasticae rhetoricae siue de ratione concionandi libri sex, nunc primum in lucem editi, Authore R. P. F. Ludovico Granatense...*, Olyssipone, Exc. Antonius Riberius, expensis J. Hispani bibliopolae. Anno Domini, 1576: *Liber Secundus*, cap. XIII - "De sententiarum & Epiphonematum ornamentis"; *Liber Quintus*, cap. XII - "De figuris sententiarum, ac primum de

Entré as reflexões, feitas no prefácio da sua *Collectanea*, são dignas de nota as que dizem respeito ao incentivo da recolha e ordenação de sentenças, numa atitude comparável ao labor da abelha⁽¹²³⁾, ou ainda no tocante ao proveito da leitura e aprendizagem dos clássicos, pela elegância e grandeza moral da sua mensagem.

A dado passo, afirma, a propósito de Séneca: "Eu admiro a profundidade das máximas, a finura do engenho, ora a argúcia da concisão, ora, se o assunto o requer, a expressão transbordante"⁽¹²⁴⁾. É que, confessa com naturalidade, "eu leio Séneca com tanto prazer e admiração que as suas obras me encantam, mesmo depois de uma décima leitura"⁽¹²⁵⁾.

Contudo, ao pensar nos erros dos estóicos de que Séneca enferma – *Seneca enim Stoicorum errores mordicus tuetur*⁽¹²⁶⁾ –, refere-se, sem reservas, a Plutarco, nestes termos: "É tão grande a sinceridade da sua doutrina que, neste particular, me parece superior ao próprio Séneca, modelar no zelo da virtude"⁽¹²⁷⁾. E explicita: "Nada de semelhante se encontra em Plutarco. Tudo nele está como que de acordo com a luz da razão e da natureza mais esclarecida: talvez porque o Evangelho de Cristo, brilhando ao longe no século em que ele vivia, acrescentava ao espírito humano uma maior luz de verdade"⁽¹²⁸⁾.

São estas as razões que levam Frei Luís de Granada a afirmar, numa reminiscência de Cícero no *Pro Archia*, que teve o cuidado de editar este livro em pequeno formato, *breuiori forma*, para que se trouxesse sempre, como um tesouro de valiosos

his, quae ad docendum magis pertinere uidentur", p. 79-83; 117 e sqq.. A iniciar este último capítulo, baseia-se em Santo Agostinho (*In 4. de doctrina christiana*, segundo a indicação marginal), para definir os objectivos do *concionatoris officium*, nestes termos (p.117): *Cum tria sint (ut D. August. ait) praecipua concionatoris officia, nempe docere, flectere, & delectare...*

(123) Vide f. 2 v.: *Apes (ut aiunt) debemus imitari, quae uagantur, et flores ad mel faciendum idoneos carpunt. Deinde quicquid attulere disponunt: ac perfauos digerunt: et (ut Vergilius noster ait) liquentia mella stipant: et dulci distendunt nectare cellas. Nos quoque has apes debemus imitari, et quaecumque ex diuersa lectione congegimus, separare: melius enim distincta seruantur.*

(124) Vide fol. 4: *Miror enim grauitatem sententiarum, ingenii acumen, et argutam modo breuitatem, modo redundantem (ubi res exigit) copiam.*

(125) *Ibidem, ... tanta cum uoluptate et admiratione Senecam lego, ut eadem me decies repetita delectent.*

(126) Vide fol. 7.

(127) *Ibidem, Sinceritas uero doctrinae eius tanta est, ut in hac parte ipso Seneca uirtutis studiosissimo superior mihi esse videatur.*

(128) *Ibidem, Horum [errorum] nihil in Plutarcho deprehendes: sed omnia fere purgatissimae rationi, et naturae lumini consentanea: fortasse quoniam Euangelio Christi eius saeculo latius coruscante, maior humanis mentibus ueritatis lux addita esset.*

preceitos, e se tivesse à mão, em todo o tempo e lugar, como leve bagagem que não pesa: *et omni tempore omnique loco, tanquam levis sarcina, ad manum inueniretur*. É que este livro serve de orientação na vida e desperta o interesse pelo estudo⁽¹²⁹⁾.

A finalizar, uma reflexão se impõe: ao analisarmos a alteridade do discurso humanista e os postulados epistemológicos que o sustentam, apercebemo-nos de que o homem do Renascimento – conquistador de mundos e de horizontes novos de cultura, ciência e espiritualidade –, perante o património estético-ideológico inesgotável do saber da antiguidade clássica, sentira necessidade de recorrer a compêndios de carácter enciclopédico e a livros de sentenças, qual luzeiro a abrir caminho à sabedoria universal e a iluminar a vida com regras de conduta e bem viver.

Aquele luzeiro que faltava ao protagonista do *Satyricon*, perdido num mundo onde a luz era rara e as insídias e as surpresas espreitavam em todas as esquinas. E por isso se lamentava⁽¹³⁰⁾:

"Nem sequer tínhamos um archote de refúgio, que abrisse caminho aos pobres vagueantes"...

(129) Vide fol. 3 v. - 4.

(130) Satyr. 79.1 *Neque fax ulla in praesidio erat, quae iter aperiret errantibus...* Vide, a este propósito, P. FEDELI, 'Il tema del labirinto nel *Satyricon* di Petronio' in *Atti del Convegno Internazionale "Letterature classiche e narratologia". Materiali e contributi per la storia della narrativa greco-latina*, Perugia, Istituto di Filologia Latina dell'Università di Perugia, 1981, 161-174.